



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

JULIANA OLIVEIRA ANDRADE

**NAS REDES DO INSTAGRAM: AS POSSIBILIDADES DA IMAGÉTICA AFETIVA
COMO RECURSO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

FORTALEZA
2019

JULIANA OLIVEIRA ANDRADE

NAS REDES DO INSTAGRAM: AS POSSIBILIDADES DA IMAGÉTICA AFETIVA
COMO RECURSO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira

FORTALEZA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A567r Andrade, Juliana Oliveira.

Nas redes do instagram : as possibilidades da imagética afetiva como recurso pedagógico nas aulas de Geografia / Juliana Oliveira Andrade. – 2019.
58 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.

1. Redes sociais on-line. 2. Instagram. 3. Ensino de Geografia. I. Título.

CDD 910

JULIANA OLIVEIRA ANDRADE

NAS REDES DO INSTAGRAM: AS POSSIBILIDADES DA IMAGÉTICA AFETIVA
COMO RECURSO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Ms. Jacquicilane Honório de Aguiar
(Doutoranda PPGG/UFC)

Prof. Ms. Marcos da Silva Rocha
(Doutoranda PPGG/UFC)

Prof.^a Dr.^a Maria Edivani Silva Barbosa
(Departamento de Geografia/UFC)

AGRADECIMENTOS

Aos bons ventos alísios que me trouxeram até o Departamento de Geografia e que, constantes e regulares me conduziram ao Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos – LEGES, onde encontrei uma Geografia de formas, cheiros, melodias, visualidades e fé compondo o uníssono interior da geógrafa que me tornei.

Aos amigos que dividiram as angústias, seminários, bancos dos ônibus, as filas do R.U e todas as pequenas descobertas e felicidades que somente nosso encontro poderiam criar – Amanda, Béa, Bruno, Gleilson, Jéssica, Tális e Lidemberg Lopes. Ao Luaridade, todos os cafés e as análises fenomenológicas do nosso cotidiano de encontros no laboratório – Jacquicilane, Marcos, Kelly e Lucas.

A minha companheira Bárbara que me trouxe café, alimentou, me orientou a respirar profundamente e olhar o céu quando a escrita teimava em sair do tom e foi o dicionário dos mais carinhosos sinônimos nos dias que se seguiram.

Aos alunos da EEEP Edson Queiroz que prontamente aceitaram participar do estudo, a diretora Fábria Napoleão que abriu o espaço para a pesquisa ser realizada e principalmente ao professor Kevin Gondim que viabilizou os contatos sendo o melhor profissional e amigo possível em terras cascavelenses.

A minha família que vibrou a cada passo que avancei dentro das graduações, responsável pelos meus caminhos por sempre priorizarem o papel que a educação cumpre na transformação para uma vida mais digna e justa – a minha mãe Cleide, meu avô Geraldo, Jéssica, tia Liduina e Otávia, obrigada pelo apoio e reconhecimento.

Ao meu orientador e professor Christian Dennys, o próprio braço alísio, pela paciência e orientação durante toda a graduação como integrante do LEGES e pela aquiescência e generosidade toda vez que eu apresentava um tema diferente para, enfim o estudo ser realizado.

Os outros, nós também somos. A presença de todos construíram meus trajetos até aqui, e continuaram traçando meus caminhos. Por mais exaustivo que seja continuar acreditando na educação e na força que a Geografia possui para descortinar a ignorância, sigo ainda mais resoluta no intento de geografizar a vida.

RESUMO

A pesquisa realizada apontou as possibilidades do uso das plataformas sociais *on-line* como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Apresentamos como objeto de estudo, por suas características estéticas, diferentes formas de interação e comunicação entre os usuários e a capacidade de criação de conteúdo descentralizado de polos informacionais tradicionais, o aplicativo Instagram. O estudo procurou mensurar os conteúdos educacionais já disponibilizados na plataforma e a aplicabilidade da rede social em sala de aula, para isso realizamos entrevistas e aplicação de questionários entre os estudantes do ensino médio da EEEP Edson Queiroz localizada em Cascavel/CE. Encontramos interações possíveis entre as experiências dos alunos com o aplicativo Instagram estabelecendo, através dos múltiplos olhares, geografismos vinculados às dimensões afetivas. Facilitadas pelo professor, essas interações viabilizam aprendizagens colaborativas atestando a aplicabilidade da plataforma como método de ensino dos conteúdos curriculares da disciplina de Geografia.

Palavras-chave: Redes sociais *on-line*. Instagram. Ensino de Geografia.

RESUMEN

La encuesta señaló las posibilidades de utilizar redes sociales en línea como herramienta en el proceso de enseñanza-aprendizaje en la geografía. Nos presentamos como un objeto de estudio, por sus características estéticas, diferentes formas de interacción y comunicación entre los usuarios y la capacidad de crear contenido descentralizado de polos informativos tradicionales, la aplicación Instagram. El estudio tuvo como objetivo medir el contenido educativo ya está disponible en la plataforma y la aplicabilidad de la red social en el aula, por lo que llevamos a cabo entrevistas y cuestionarios entre los estudiantes de la educación secundaria obligatoria EEEP Edson Queiroz ubicados en Cascavel / CE. Encuentra las posibles interacciones entre las experiencias de los estudiantes con el ajuste de Instagram aplicación a través de múltiples miradas, geografismos vinculados dimensiones afectivas. Facilitado por la interacción del maestro permitan el aprendizaje cooperativo que confirma la aplicabilidad de la plataforma como un método de enseñanza de contenidos curriculares de la disciplina Geografía.

Palabras clave: redes sociales en línea. Instagram. Enseñanza de la Geografía.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Interface do aplicativo Instagram.....	27
Figura 2 – Mosaico de imagens agrupadas a partir da hashtag #Geografia	28
Figura 3 – Mosaico de imagens agrupadas a partir da hashtag #Espaço	30
Figura 4 – Mapa mental com conteúdo de Geografia para Ensino Médio.....	35
Figura 5 – Mapa mental com conteúdo de Geografia para Ensino Médio (Detalhe)	39
Figura 6 – Paisagens <i>on-line</i> agrupadas a partir da hashtag (#) Praca De São Francisco Cascavel Ce.....	49
Figura 7 – Esquematização das ideias principais da pesquisa	51
Gráfico 1 – Redes sociais usadas com maior frequência	41
Gráfico 2 – Redes sociais utilizadas para acessar conteúdo para estudos	42
Gráfico 3 – Conteúdos seguidos no aplicativo Instagram	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Formas de acesso as redes sociais e uso do aplicativo Instagram44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 GEOGRAFISMOS EM REDES <i>ON-LINE</i>	14
2.1 GEOGRAFICIDADES E AS PLATAFORMAS SOCIAIS	18
3 <i>INSTAGRAM IS</i>, DESDOBRAMENTOS, PAISAGENS <i>ON-LINE</i> E ENSINO DE GEOGRAFIA	22
3.1 <i>AS IMAGENS FALAM POR SI?</i> INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DAS PAISAGENS <i>ON-LINE</i>	23
3.1.1 Visualidades nos mosaicos digitais	26
3.1.2 O fenômeno <i>Studygram</i> e os conteúdos educacionais nas redes	33
4 INSTAGRAM EM SALA: DO DISCURSO AO COTIDIANO	37
4.1 DOS RESULTADOS	40
4.1.1 Cenários afetivos e perspectivas.....	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A	57
APÊNDICE B	58
APÊNDICE C	59

1 INTRODUÇÃO

“Aquele cujos olhos imperiais passivamente observam com cuidado e tomam posse” (Mary Louise Pratt)

Antes de conceituarmos o uso das redes *on-line*, iniciamos as reflexões apresentando um panorama do acesso à rede mundial de computadores. Partimos das noções de universalidade e democratização do acesso à informação ao alcance de todos os grupos sociais ao mundo virtual. As informações são necessárias para esboçar as perspectivas de uso das redes sociais em sala de aula.

Segundo relatório Digital in 2018, realizado em conjunto pelas empresas de marketing digital *Hootsuite* e *We are Social*, em números absolutos 53% da população mundial têm acesso à Internet. Sobre o uso das redes sociais, as estatísticas globais apontadas no relatório demonstram que 42% da população mundial são usuários ativos dos aplicativos, sendo o smartphone o principal acesso das pessoas à internet em todo o mundo (DIGITAL IN 2018, 2018).

Castells (2003) aponta a existência de uma divisão digital global que se constrói nas disparidades de distribuição do acesso a computadores e Internet no globo. Segundo o autor, as menores taxas de acesso são encontradas nos países em desenvolvimento, embora 80% da população mundial viva nessas áreas, em contrapartida o aumento real de usuários se concentra nessas regiões do planeta (DIGITAL IN 2018, 2018).

No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no início de 2018 demonstrou que 64,7% da população (126,3 milhões de usuários) com idade acima de 10 anos estão conectadas à internet (AGÊNCIA IBGE, 2018). Dentro do percentual de acesso apresentado, 62% dos usuários brasileiros estão ativos nas redes sociais (DIGITAL IN 2018, 2018), e confirmando a tendência global, 97% do acesso dos brasileiros à Internet e redes sociais são realizados através do aparelho celular (Ibidem).

Do percentual de usuários das redes, as faixas etárias que compreendem as idades de 10 – 13 anos; 14 – 17 anos representam respectivamente 71,2 e 84,9% dos acessos à internet em 2018 (AGÊNCIA IBGE, 2018). A análise da Pnad C aponta, entre outros, dados de acesso referente à distribuição espacial e renda. Segundo a

pesquisa o percentual de domicílios com acesso à Internet da região Nordeste foi de 74,2%; os usuários com renda de até 1 salário mínimo representavam 62% dos acessos a rede (TELECO, 2019).

No cenário apresentado, o estudo que se desenha admite o rápido alcance da internet na realidade brasileira e os desdobramentos e rupturas sociais desse fenômeno. Toleradas ou não, também se admite a rápida expansão do uso das redes sociais no cotidiano escolar.

As novas formas sociais de comunicação, que se cristalizam através da ampliação do acesso à internet através dos celulares, determinam novas maneiras de se ver, ler, experienciar e, conseqüentemente, de agir no mundo que corroboram também com a formação identitária dos sujeitos escolares.

Acredita-se que, propondo um jogo de intencionalidades continuamente postados e compartilhados pelas redes sociais, essas novas mídias, através da adaptação das redes comunicacionais tradicionais que os aplicativos descortinam, apresentam interações e geograficidades, ou ainda uma (re) leitura da Geografia que extrapola o sentido filosófico das categorias geográficas e a forma como foram reproduzidas em sala de aula.

Sob esse aspecto, e dentre as diversas redes sociais *on-line* existentes, apresentamos para o possível diálogo entre as mídias sociais e o ensino de Geografia, a análise de perfis de um aplicativo em específico, o Instagram. A escolha por esta plataforma social de fotos resultou na observação de duas características fundamentais:

1) análise de uma estética própria que constrói, através da imagem¹ e fotografias, a percepção dos lugares e do recorte fragmentado destes, o que denominaremos de *paisagens on-line*². 2) as diferentes possibilidades de interação e comunicação entre os usuários e a capacidade de criar conteúdo próprio;

O primeiro momento identifica a produção e consumo de imagens em torno do uso das hashtags que, acompanhadas pelo símbolo (#), têm como função o

¹ Abrangemos na definição de imagens, toda a representação visual criada para o entendimento de uma ideia, sejam elas, desenhos, quadrinhos, charges, poemas, frases e etc.

² Usamos, para embasar a denominação apresentada, os ensaios de Besse (2014) quando o autor lança o desafio de ampliar o conceito clássico da Paisagem na Geografia apresentando novas problemáticas sobre a reflexão da paisagem: representação cultural, território produzido pelas sociedades, complexo sistêmico, local de experiências sensíveis e contexto de projeto.

agrupamento de imagens relacionadas a um determinado assunto que passam imageticamente a (re) criar a interpretação dos conceitos geográficos propostos em sala de aula.

A segunda característica, se pondera sobre os conteúdos de geografia criados e compartilhados pelos *studygrammers*. A palavra – junção de estudo (*study*) e Instagram – designa influenciadores digitais focados no estudo. Observa-se que no mecanismo de busca do aplicativo a hashtag *studygram* chegavam à 4,6 milhões de menções durante a primeira etapa da pesquisa³.

Deste modo, apresentaremos reflexões sobre os possíveis usos do aplicativo Instagram, *hashtags*, produção de conteúdo próprio e temáticas trabalhadas na disciplina de Geografia da Escola Estadual de Educação Profissional Edson Queiroz, localizada em Cascavel – CE. As séries escolhidas para as entrevistas estruturadas e aplicação de questionário foram as turmas dos 1º e 2º anos dos cursos técnicos de agroindústria e redes ofertados pela escola.

Sobre o uso do aplicativo, que têm por principal característica a mediatização de fotografias, concordamos com Dubois (1994, p. 25) quando o autor afirma que a fotografia é codificada culturalmente, e que a reflexão sobre qualquer meio de expressão “deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio”.

Desse modo, a discussão sinaliza a existência de uma imaginação virtual e geográfica que retrata através das fotografias as intencionalidades, fragmentos dos costumes, significados, paisagens digitais dos mais diversos grupos sociais, dinamizando novas relações espaciais e produção de espaço que ultrapassam a interface do aplicativo Instagram.

Kossoy (2001) afirma que mesmo diante da aparente neutralidade, a fotografia será sempre uma interpretação. Sob esse aspecto, as imagens retratadas repousam sobre um conjunto de representações que fazemos do mundo para compreendermos, temos acesso ao mundo através da mediação dessas representações.

As provocações iniciais nos desafiam a pensar sobre como esses múltiplos olhares continuamente compartilhados nas redes sociais podem se tornar ferramentas de aprendizagem para o ensino de Geografia. Assim, iniciamos uma pesquisa que se

³ Período referente à primeira semana de agosto/2019.

fundamenta na interpretação geográfica de imagens agrupadas através das *hashtags* e na produção de conteúdo próprio como instrumentos de análise das categorias do espaço geográfico e recurso pedagógico para o Ensino Médio.

Dessa forma, se pretende observar as transformações sociais, econômicas e políticas, temas propostos no currículo escolar, segundo as representações de mundo mediadas pelas redes sociais e facilitadas pelo professor em sala. A pesquisa foi realizada procurando construir um panorama que denotasse as perspectivas do uso do Instagram pelos estudantes.

Dentro da metodologia proposta, abrangemos a experiência dos *studygrammers* na produção de conteúdo voltados para estudantes de vários segmentos educacionais. Para isso, realizamos entrevistas com alguns proprietários de perfis (APÊNDICE A). Definimos as páginas a serem abordadas considerando o alcance do conteúdo – páginas entre 10 à 80 mil seguidores – com maior espectro de interações nas publicações e que não se tratassem de perfis profissionais para esse nicho em específico.

Aos proprietários de perfis *studygram* que retornaram o contato aceitando a proposta de entrevista foram enviados perguntas padronizadas através do *direct* – chat de diálogos disponível no Instagram. Em paralelo, contextualizamos a vivência dos estudantes da EEEP Edson Queiroz, identificando através de questionários e entrevistas, a experiência dos alunos como usuários junto ao aplicativo.

Ressalta-se que não buscamos quantificar a maior ou menor apreensão dos conceitos geográficos em sala a partir da inserção do alcance da reprodução fotográfica e de conteúdo no aplicativo Instagram. Procuramos os desdobramentos das leituras significativas destes, ou ainda a ruptura da geografia como a disciplina escolar que fala de tudo, mas não fala sobre nada que se reproduz preso num clichê do senso comum.

Acredita-se que a cada clique que aciona as câmeras dos *smartphones* e o envio da imagem capturada para aplicativos como o Instagram um entendimento geográfico é (re) criado. Através das *hashtags* as imagens fragmentadas, postas em conjunto performam uma visão geográfica e polissêmica do cotidiano.

O que buscamos é a leitura deste cotidiano; do cotidiano que os alunos vivenciam e compartilham em suas redes e que podem ser significados através das mediações e estímulos trocados em sala de aula entre alunos e professor.

A ambivalência do processo educativo se dá exatamente no momento desta troca de estímulos; as ideias repassadas não pertencem mais, pelo menos não unicamente, a construção científica que as levaram aos livros didáticos, as ideias são releituras feitas pelos professores, e depois releituras dos estudantes alimentando esse processo colaborativo de aprendizagem através da reciprocidade dos conhecimentos do professor e aluno, protagonistas nesse diálogo.

2 GEOGRAFISMOS EM REDES *ON-LINE*

Dada a velocidade do desenvolvimento de aplicativos para celulares lançados diariamente, proporcionalmente relacionados a celeridade com que são consumidos e se tornam obsoletos, nos deparamos com o desafio de dialogar com a dinâmica virtual do aplicativo Instagram e o seu processo de construção em permanente andamento.

Lévy (1999, p. 24) reflete sobre a velocidade das tecnologias da informação e de comunicação, apontando as dificuldades que se apresentam quando iniciamos a discussão sobre o uso de determinada tecnologia, pois “enquanto ainda questionamos, outras tecnologias emergem na fronteira nebulosa onde são inventadas as ideias, as coisas e as práticas”.

Entende-se que o engajamento nas plataformas de redes sociais *on-line* extrapola as interfaces dos usuários e entram em múltiplos espaços de vivência como igrejas, escolas, praças, salas de estar, etc. Nas escolas, além de alunos, temos usuários das redes que alimentam as paisagens digitais produzindo em conjunto uma nova linguagem, complexa de saberes e legitimidade.

O conceito de redes é discutido na Geografia, a análise das redes registradas no espaço geográfico, a priori, descrevia a distribuição de matérias-primas, pessoas, objetos, informações, entre outros, atendendo a uma demanda característica. Com as mudanças significativas na própria materialidade do espaço geográfico através dos avanços tecnológicos, as redes se complexificam inferindo uma nova dinâmica e velocidade do fluxo destas interações (SANTOS, 1997).

Castells (2003, p. 212) aponta que a dinâmica das múltiplas redes como “fontes de significado e função para cada lugar” resulta em uma nova forma de espaço característico do que o autor denominou de Era da Informação consolidada através da Internet.

Observamos então, na decodificação dessa era, a centralidade dos fluxos imateriais nas tramas, linhas e conexões invisíveis onde novas configurações territoriais emergem dos processos simultâneos dos fluxos informacionais transformando espacialmente cidades e regiões.

Dentro destas múltiplas conexões, as redes sociais despontam para um cenário multifacetado onde as novas ferramentas de comunicação desenvolvidas para a sociabilização as consolidam como redes de interação e comunicação (TONETTO; TONINI, 2014). Recuero (2009, p. 24) define as redes sociais como

uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

Desse modo, ainda segundo a autora, os estudos sobre as redes sociais na Internet focam no surgimento dessas estruturas sociais específicas e como essas interações mediadas pelas redes são capazes de produzir e articular fluxos informacionais impactando as organizações sociais *offline* (RECUERO, 2009).

O processo de formação das redes abordados dentro da análise geográfica da produção do espaço e intencionalidade dos atores que as produzem (SANTOS, 1997; CORRÊA, 2001) constroem uma narrativa paralela as estratégias para a estruturação do espaço produtivo. No caso, as estratégias são precedidas pelo fluxo de informações que organizam essa produção espacial.

Contudo, quando distanciamos o escrutínio das redes da esfera produtiva, seria razoável, inserindo as ferramentas comunicacionais junto às dinâmicas sociais, apontá-las dentro da análise geográfica como mecanismos da configuração do meio geográfico?

Entendemos a pluralidade das redes sociais como canais tecnológicos e o tráfego informacional que as sustentam. Analisá-las como redes através apenas da narrativa produtiva seria insuficiente. A compreensão do fenômeno nessa abordagem ratifica o tipo de comunicação Um-Um ou Um-Todos superadas pelas interações Todos-Todos próprias do ciberespaço (LÉVY, 2009).

Encontramos duas importantes reflexões para a contextualização deste trabalho. Castells (2003) e Recuero (2009) apresentam a ideia de transformação de estruturas através da dinâmica das redes na Internet em âmbitos diferentes. No entanto, ambos convergem para a (re) significação de um núcleo, seja ele, respectivamente, territorial ou social.

Sendo as redes sociais *on-line* meios dinâmicos de comunicação com múltiplos olhares acreditamos que as interações nessas plataformas rompem com a virtualidade dinamizando novas relações espaciais e produção de espaço através da ressignificação feita pelos atores que se diferenciam, em parte, da análise das redes articulando espaços de produção.

A partir dessa perspectiva norteamos a análise geográfica das redes para as (re) configurações afetivas. Nesse sentido, se consideramos a organização social como um emaranhado de fluxos que garantem as interações entre os fixos (CORRÊA, 2001) presumimos que os fluxos, sua variabilidade e intencionalidade reconfiguram as funções sociais dos fixos.

Logo, o emaranhado das demandas afetivas transformaria os lugares, tanto quanto a transformação espacial produzida pelas demandas produtivas. As plataformas de redes sociais, em específico, catalisariam as dimensões afetivas a esses espaços significando-os e os modificando.

Para exemplificar, tomaremos o movimento plural da Praia do Crush, trecho de faixa de praia que compreende o intervalo entre as obras do *Acquário* e o espigão da Rua João Cordeiro, na Praia de Iracema localizada na cidade de Fortaleza – CE.

Não se sabe a primeira vez em que postagens nas redes sociais mencionaram a Praia do Aterrinho, ou antigo Largo da Mincharia como Praia dos Crush. Quando foi o primeiro evento criado pelos usuários na plataforma social Facebook convidando os amigos para frequentar o espaço, a primeira hashtag acompanhando o fragmento do pôr do sol à beira-mar com a Ponte dos Ingleses ao fundo publicada no Instagram, a primeira visualização desse recorte imagético e depois o seu compartilhamento.

O que se sabe é que a Praia dos Crush surge na cartografia da cidade pelas interações feitas através das plataformas digitais. O próprio batismo da faixa de praia vem de termo viralizado nas redes sociais e apropriada ao falar cearense. A expressão inglesa *crush* designa um interesse, uma atração platônica por alguém, o que também dialoga com o perfil do público que começa a ocupar esse espaço e como as demandas destes ressignificam e o recriam.

Ressalta-se que a articulação das experiências afetivas reconfigurando espaços não são fenômenos exclusivos das redes sociais *on-line*. No entanto, um aspecto que as diferenciam é a velocidade em que se legitimam e se tornam referência para outros setores da sociedade, a exemplo da Praia dos Crush: Veiculação de

propaganda institucional da Prefeitura de Fortaleza⁴; Monografias⁵; Indicado como localização de trecho apropriado para banho publicados em periódicos jornalísticos⁶; Matérias sobre comportamento em revistas⁷; uso de localização em aplicativos de transporte de passageiros, entre outros.

Partindo desse pressuposto, embora a nova distribuição espacial produzida na ressignificação afetiva seja inserida dentro das cadeias produtivas, à intencionalidade dos atores que viabilizaram as mudanças destoam desse arranjo, atribuindo, junto a pluralidade e complexidade dessas interações virtuais, fluidez à construção desses espaços.

Enquanto essas transformações arrastam velhos entendimentos do meio geográfico, elas entram apercebidos nas salas de aula, nas relações escolares. Se visualizam obstáculos se esguiam pelas brechas encontradas nas narrativas escolares “deslocando também práticas antigas, criando e tecendo novos usos através das aprendizagens não formais” (MONTEIRO, 2006, p. 2).

No caso, a disciplina de Geografia abriga, alinhados aos conteúdos didáticos, um leque de possibilidades pedagógicas para o uso de aplicativos encontrados nos aparelhos celulares – aplicativos como o disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com acesso a indicadores socioeconômicos, dados do sistema geodésico brasileiro, mapeamento geográfico, etc.; Google Maps; Google Earth; Waze com acesso a GPS, mapas e trânsito em tempo real; AccuWeather com previsões e dados sobre o tempo – corroborando com o panorama de inserção destes instrumentos na sala de aula.

Neste ponto, é interessante ressaltar as contribuições das recentes pesquisas sobre os Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA mediando os processos de ensino-aprendizagem dentro da perspectiva da Educação à Distância – EaD. Giglio et

⁴ Instagram (2019). Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BxIEjezn3Zx/?igshid=16co8tld7peou>>. Acesso em: 2 set. 2019.

⁵ BARBOSA, I. L. L. As concepções de corpo e consumo de moda praia para banhistas frequentadoras da Praia de Iracema. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32703/3/2017_tccII_ildelbarbosa.pdf>. Acesso em: 1 set. 2019.

⁶ G1 (2019). Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/04/06/praias-dos-crush-na-praia-de-iracema-e-unico-trecho-proprio-para-banho-em-fortaleza-neste-fim-de-semana.ghtml>>. Acesso em: 1 set. 2019.

⁷ VICE (2018). Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/gyk7xw/falamos-sobre-crush-na-praia-dos-crush-em-fortaleza>. Acesso em: 1 set. 2019.

al (2015, p. 112) aponta o sentimento de isolamento do usuário ante os recursos de interação propiciadas nos ambientes virtuais.

Segundo o autor, na dinâmica dos AVA, um fator negativo é o não favorecimento da “percepção do outro no ambiente de aprendizagem, além de ter o peso da formalização das interações, como parte do processo avaliativo institucional”.

Acreditamos que a apropriação das tecnologias nas aulas de Geografia, estabelecidas através do uso dos inúmeros aplicativos ao alcance dos alunos devem ser mediadas pelo docente. No entanto, se a mediação seguir em paralelo a uma transferência de conhecimento linear, que não se articule as escalas da vida social será uma ação ineficiente como metodologia de ensino.

As possibilidades da intensa interação comunicacional, cria espaços de reflexões entre professores e alunos, num processo colaborativo e de desafio mútuo no processo de aprendizagem. Ao chegarmos nesse ponto retomamos as experiências afetivas na análise geográfica através das interações das plataformas sociais *on-line*.

A conceituação das interações, sejam elas virtuais ou não, partem do reflexo comunicativo entre indivíduos que dividem suas percepções de mundo, alimentando-as e sendo influenciados pelas intencionalidades dos atores envolvidos no processo (RECUERO, 2009).

Observamos que as conexões entre os atores partem de um auto reconhecimento, de um sentimento de pertencimento que os integram e fazem com que as trocas comunicacionais feitas não sejam abstratas e se materializam em outros espaços.

Nessa perspectiva, os espaços de aprendizagem para a discussão das geograficidades junto aos aplicativos sociais transportam essas conexões para a sala de aula, resignificando e recriando o conteúdo curricular facilitados pelo professor.

2.1 GEOGRAFICIDADES E AS PLATAFORMAS SOCIAIS

Dentre as ciências, a Geografia tem como fundamento a percepção que construímos do espaço ao longo de nossa existência. Os elementos das percepções espaciais se ativam através das interações coletivas da vida social, mas também percorrem as individualidades diante os enredos que o cotidiano apresenta.

Esses elementos ampliam a reflexão dos conceitos-chave clássicos da Geografia. Assim, encontramos discussões sobre as dimensões da paisagem e as possibilidades de análise que elas oferecem.

Besse (2014) considera a paisagem como um artifício para o ordenamento espacial em múltiplas escalas, apontando a primazia da relação visual para sua análise. No entanto, o autor indica que o conceito apresenta maior complexidade já que visualizar não é a única forma de se experimentar a paisagem.

Coexistem, como experiências sensoriais significativas nas situações concretas, as paisagens sonoras, dos sabores, tácteis que “retomam o conceito de espaço e o significado que lhe atribuímos” (BESSE, 2014, p. 241). Dardel (2011) propõe decifrar a terra através dos signos que a formam, dos desenhos sinuosos dos rios, aos traços das mãos dos homens que aram a terra próximo as curvas do seu leito.

O espaço geográfico se reflete em como a materialidade das coisas faz sentido para os indivíduos, onde as relações concretas e subjetivas que ligam o homem a terra acontecem. Daí se estabeleceriam as categorias de análise geográficas.

Sob o esteio das vivências, Tuan (1983) reflete sobre o significado de espaço ou o significado das espacialidades. Que conotações subjetivas e concretas agem para dotarmos um lugar com uma identidade e o experienciamos? Andreotti (2012) considera a dialética entre a influência da paisagem refletida no homem e o homem reiterando sua “posse” da paisagem.

Nesse aspecto, existiriam diferenças na paisagem, uma provisória, cotidiana e objetiva; outra imbuída do universo das representações sociais, imagéticas e simbólicas. Todo esse aporte provoca uma lógica de contextos significativos que empurram, para um cenário desconhecido, o modelo tradicional de ensino de geografia.

Cavalcanti (2002, p. 12) define a Geografia escolar como um instrumento capaz de “levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social”.

No entanto, como reconhecer a espacialidade das coisas quando se nega as experiências significativas do sujeito escolar? Das formas comunicativas, da abrangência metodológica da sua subjetividade?

A ideia dessa espacialidade se traduz e se legitima em forma de imagens nos livros didáticos de Geografia. As fotografias, charges, tabelas, gráficos, mapas, fluxogramas trazem um apelo para a mediação de um auto reconhecimento imediato, no entanto relatam uma “seleção ideológica” (KAERCHER, 2004, p. 55) que visualmente saltam aos olhos, mas não é reconhecida, ou ainda, não é relevante para os alunos.

Essas imagens imprimem uma visão repetitiva do que deve significar os conceitos geográficos para os estudantes dentro da disciplina. Estão presentes nos planejamentos, fixa nos resultados esperados. No entanto, “um conhecimento indiscutível seria, na mesma medida, estagnado. E, por extensão, impermeável às tentativas de se aprimorar as relações entre conceitos científicos e espontâneos” (OLIVEIRA, 2010, p. 74).

Desta forma, os conceitos, denominados espontâneos seguem distanciados e esvaziados dos conceitos científicos. Monteiro (2006, p. 3) ao tratar das imagens nas narrativas do cotidiano escolar pontua que mesmo que vejamos a mesma imagem esquecemos que “a subjetividade presente na reação de cada participante é única”.

Retomemos as reflexões de Andreotti (2012) quando a autora afirma que cada grupo social se ilustra na paisagem. Todos os elementos (imaginação, símbolos, concepção de mundo) pertencentes a comunidade estrutura uma ética própria que, junto ao avançar do tempo, configura uma estética particular a paisagem e que dela se retroalimenta.

Assim, há tantas paisagens quanto há visões para alcançá-las. E a decodificação dessas paisagens se dá mediante as inumeráveis representações que levam consigo os predicativos de outras paisagens.

Nesse cenário apresenta-se a perspectiva do observador, centrada na leitura de uma paisagem constituída, na tentativa de decifrar os emaranhados de conexões, interações, fluxos e intencionalidades visíveis e invisíveis, numa interação mútua com a materialidade do que é visto. Dessa contemplação, parte a referenciação dessa paisagem, criando analogias e identificando disparidades, atraindo e repelindo as formas que a paisagem observada oferece.

No entanto, “a paisagem é provisória” (ANDREOTTI, 2012, p. 8). Modela-se, se (re)configura, é inventada e se reinventa, oculta e exhibe seus processos e dinâmicas. Desse modo, as conexões individuais com a paisagem conduzem nossas memórias afetivas, os sentidos, as crenças construídas coletivamente, subjetividades,

todas as novas interações que o cotidiano inadvertidamente propicia muito mais que as correntes transformações das formas concretas visíveis.

Ressalta-se que, quando consideramos as geografidades e possibilidades de interação e comunicação no uso de plataformas sociais como o *Instagram*, apontamos a configuração das paisagens *on-line* e sua potencialidade como conector de diferentes fluxos de subjetividades.

Se a paisagem é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança” (SANTOS, 2008, p. 40) ela não caberia na estética dos pixels e emoldurados em 5 polegadas?

A percepção, os fragmentos da experiência se materializam através da câmera do celular. As intencionalidades no recorte fotográfico e suas conotações subjetivas alcançam, simultaneamente, através da reprodução *on-line* dessas imagens, os mais diversos atores, conectando usuários em territórios heterogêneos que as (re) produzem e modelam novas representações, que circulam, se negam, se reconhecem nas paisagens *on-line* dividindo e (re) criando suas percepções de mundo.

Vale observar que esse é um aspecto preponderante das redes virtuais, a capacidade de todos os usuários criarem conteúdo próprio, incorporando novas informações, modificando as anteriores contribuindo para a construção de uma inteligência coletiva (LÉVY, 1999).

Considera-se que essa construção informacional se realiza através de a cooptação das similaridades e contrastes entre os grupos sociais dentro de um processo virtual de colaboração, por vezes problemático, mas que atendem a necessidade de pertencer dentro das virtualidades.

Essa lógica se relaciona com a criação de espaços de discussão e pertencimento dentro das salas de aula na medida que nos impele à reflexão sobre a prática docente, como também a reflexão sobre a apresentação dos conteúdos nos livros didáticos de Geografia. Vasconcelos e Caetano (2014, p. 5) afirmam que o “pertencimento é a base da integração dos sujeitos dentro dos espaços coletivos, como a escola”.

O uso das paisagens *on-line* através das plataformas sociais no processo de aprendizagem de Geografia considera aspectos como: a) dialogicidade dos contrastes e/ou similaridades entre as paisagens *on-line* junto aos conceitos e formas visuais utilizadas nos livros didáticos; b) interação entre as dimensões afetivas das conexões

em redes on-line; c) inserção das práticas do cotidiano no processo ensino-aprendizagem que, facilitadas pelo professor, se transformam em aprendizagens colaborativas que alimentam os métodos de ensino, reensinando conforme as novas aprendizagens se apresentam.

Dessa forma, consideramos que o uso das redes sociais propicia, através da utilização das câmeras dos smartphones, uma revisitação às categorias geográficas, replicando o ser/estar no mundo nos espaços que pertencemos a partir do convívio com as novas tecnologias e as conexões entre seus usuários.

O educador, como parte imprescindível nas novas mediações, abre mão do controle vertical dos processos educativos proporcionando um encontro afetivo e efetivo onde ambos interagem conectados à uma rede de saberes coletivos e mediatizados.

3 INSTAGRAM IS⁸, DESDOBRAMENTOS, PAISAGENS ON-LINE E ENSINO DE GEOGRAFIA.

O Instagram foi lançado em 2010, desenvolvido e projetado pelo brasileiro Mike Krieger e o norte-americano Kevin Systrom. O aplicativo foi desenvolvido a partir da simplificação de um outro aplicativo, o *Burbn*, uma rede social multifacetada que integraria várias funções, entre elas compartilhar vídeos, imagens, localização, projetos, etc. Entretanto, após testes de aplicabilidade, os desenvolvedores convergiram os esforços para a funcionalidade mais atrativa, a fotografia (CAVENDISH, 2013).

A estética, planejada para as fotografias feitas pelos smartphones, apresenta como elemento básico a reformatação destas para o padrão fotográfico da câmera Kodak Instamatic e o de câmeras Polaroid (CAVENDISH, 2013). Essas câmeras, que se popularizaram entre as décadas de 60 e 70, revolucionaram o acesso de pessoas comuns a produção de imagens. Respectivamente, baratearam os custos, e criaram um filme de revelação instantânea que modificou a forma de se experimentar a fotografia (ISTOÉ, 2008).

O conceito por trás dessas câmeras é retomado pelo aplicativo que, a priori, têm a nostalgia como estética, é gratuito, o que permite total acesso a vários

⁸ Título em referência ao documentário homônimo realizado pelo diretor Paul Tellefsen (2013). Disponível em: <<<https://vimeo.com/66938184>>>. Acesso em: 26 set. 2019.

segmentos sociais, e permite guardar os flagrantes do cotidiano, reproduzi-los, postá-los e compartilhá-los em conexões com atores diversos.

É importante ressaltar que o Instagram disponibiliza ferramentas de ajuste rápido para as fotografias. Através dos filtros e edição, junto a intencionalidade do usuário, uma estética emotiva é direcionada para dentro das conexões *on-line*.

A edição seleciona o elemento na fotografia que se pretende ressaltar dentro do conjunto. Os filtros remetem às fotografias analógicas, aumentam a saturação das fotos, utilizam tons de sépia, desbotam ligeiramente, amarelam as imagens, entre outras aplicabilidades.

Ou seja, além da (re) produção do espontâneo, toda uma mensagem visual é codificada para os demais usuários. Acompanhada pelas *hashtags*, palavras-chaves que acompanhadas pelo símbolo (#) direcionam os usuários a um agrupamento de imagens, um banco que armazena as imagens ligando-as a temática e aos usuários que as produziram.

As relações existentes entre imagem e as interpretações geográficas das paisagens reivindicam a Geografia como uma disciplina visual. Rose (2013) aponta que essa interpretação consiste, em parte, na extensão do uso de recursos e tecnologias visuais na produção acadêmica geográfica – satélites, mapas, fotografias, disseminação de pesquisa em gráficos e diagramas, etc. – no entanto, a autora ressalta que a questão a ser ponderada “são as formas em que determinadas visualidades estruturam certos tipos de conhecimentos geográficos” (p. 197).

Desta forma, acredita-se que as estruturas estéticas, sociais e afetivas do Instagram alçam uma visão de mundo que pode ser compreendida geograficamente. Em contrapartida, as imagens implicam significados diversos as categorias geográficas, apontando novas interações e geograficidades que extrapolam o ambiente virtual.

3.1 AS IMAGENS FALAM POR SI? INSTAGRAM E A CONSTRUÇÃO DAS PAISAGENS ON-LINE.

Consideramos que as estruturas imagéticas nas aulas de Geografia partem das seleções realizadas pelo professor, norteadas pelas imagens selecionadas pelos autores dos livros didáticos. Dentro de uma proposta pedagógica específica, se

constrói um entendimento geográfico de mundo a ser abordado em sala de aula. Ainda segundo Rose (2013, p. 198),

(...) as visualidades aplicadas pela produção do conhecimento geográfico nunca são neutras. Elas têm seus próprios focos, zoom, seus destaques, suas limitações do olhar e sua cegueira; estes aspectos são centrais tanto para a geografia como disciplina quanto para seus sujeitos – tanto aqueles que ela estuda como aqueles que a estudam.

As seleções de imagens apresentam uma estrutura verticalizada, que sugerem uma identificação, uma apropriação visual para a apreensão do conteúdo. Na esquematização das “visualidades” (ROSE, 2013) se espera que os alunos possam construir suas (re) leituras geográficas intermediadas pelo educador. No entanto, como essas novas interações podem ser construídas se, por vezes, os alunos não atribuem significado às imagens reproduzidas?

A indagação parte da reflexão sobre a ótica da consciência, apontada por Kozel (2009, p. 1) como “processos intermediados pelos signos que são construídos socialmente ao longo da existência”. Os signos, como linguagens de representações da realidade, seriam os estímulos visuais, sonoros, olfativos, etc., que dotam de significado algo concreto ou abstrato.

A polivalência do signo, pressupõe que haja uma correlação representativa entre o objeto e a significação deste. Segundo o geógrafo Gil Filho (2013, p.3) o “espaço de representação refere-se a uma instância da experiência originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo”.

Nesse ponto ampliamos, para a análise das possibilidades do uso das imagens e hashtags no aplicativo Instagram, a abordagem de Kozel (2009, p. 1) sobre a elaboração de mapas mentais, quando a autora considera que “a codificação dos signos que formam a imagem como um texto, não se constitui apenas uma representação individual, mas coletiva, na medida em que compartilha valores e significados com comunidades e redes de relações”.

A ideia que se traça no trabalho não é apontar uma incapacidade dos alunos de atribuir significados às imagens selecionadas nos livros didáticos, ou ainda, negar uma nova abordagem interpretativa as informações visuais reiteradas. O cerne se encontra nas tentativas de estabelecer uma linguagem geográfica através das sensações e percepções, que também são sociais e subjetivas, dos atores (professor – aluno) no processo de aprendizagem.

Sejam elas através das novas linguagens que se solidificam nas redes sociais e/ou na capacidade de criar através dos fragmentos fotográficos do cotidiano uma leitura geográfica significativa própria a ser utilizada em sala. Encontramos aporte em Dardel (2011, p. 30 - 31) quando o autor expande a interpretação da paisagem para as conexões das “tonalidades afetivas” e as relações entre os elementos geográficos “a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’ que une todos os elementos”.

Nessa perspectiva, o cotidiano ilustra as geograficidades na relação do homem e a terra. Sua reprodução imagética refletiria as percepções afetivas, intencionalidades e o entendimento sociocultural dos indivíduos que as produzem.

A tessitura das várias paisagens estabelecidas no cotidiano se entrelaça, rompe, organiza, diverge e se harmoniza incorporando novos signos as espacialidades estabelecidas. Tuan (1983) aponta a instabilidade das paisagens, sendo da sua natureza a propriedade de se modificar a partir de cada ponto de vista, ou ainda, através da convergência dos valores e atitudes daqueles que a experienciam.

Na paisagem coexistem a multiplicidade das experiências humanas, concretas, subjetivas, líquidas, acessível a olhares conflitantes, e por isso suscetíveis às mais diversas leituras.

A fotografia, como materialidade imagética da paisagem, adquire valor documental por dinamizar a leitura das visualidades retratadas e conferir ao recorte a ideia de representação objetiva do que é visto. No entanto, as leituras não são neutras, pois são realizadas através de recortes que favorecem e evidenciam os valores hegemônicos de um grupo social (BESSE, 2014; DUBOIS, 1994).

Ao conceituar o uso de fotografias aéreas para ampliar a discussão sobre a paisagem na perspectiva geográfica, Besse (2014) demonstra a coexistência de racionalidades paisagísticas diferentes que intercalam dimensões estéticas, afetivas, sociais e técnicas.

O autor exemplifica na narrativa a distinção entre paisagem política que é, “em primeiro lugar a paisagem de grande escala, que manifesta as grandes visões do poder e estende-se através de um espaço percebido como homogêneo e em contato direto com as regiões que controla (BESSE, 2014, p. 118). E a paisagem vernacular exterioriza “o universo dos costumes” (Ibidem, p. 127), caracteriza o amoldamento mútuo, ágil e contínuo entre o homem e o mundo.

Acreditamos que as paisagens *on-line* atravessam a lógica apresentada, no entanto, as observações devem se estender as formas e estruturas de como as visualidades são mediatizadas. Retornemos a Lévy (1999) quando o autor reitera, como fenômeno do ciberespaço, as interações comunicacionais Todos-Todos, onde o eixo da produção informacional se desloca da hegemonia dos *medias* e dos grupos que os conduziam sociocultural e economicamente.

Na cibercultura, a mediatização de uma imagem não está circunspecta a núcleos polarizados de irradiação, como apontado pelo autor,

a interação e a imersão, típicas das realidades virtuais, ilustram um princípio de imanência da mensagem ao seu receptor que pode ser aplicado a todas as modalidades do digital: a obra não está mais distante, e sim ao alcance da mão. Participamos dela, a transformamos, somos em parte seus autores (LÉVY, 1999, p. 151).

Desse modo, nas redes coexistem usuários com “tonalidades afetivas” (DARDEL, 2011, p. 30) diferentes, com múltiplas vivências produzindo e replicando paisagens *on-line*. Observa-se que as imagens nas redes sociais não possuem autorias específicas, reflexos de intencionalidades diferentes, não possuem um rosto que conduziriam o sentido para a mensagem, direcionando o olhar para uma possibilidade interpretativa estável para a imagem (LÉVY, 1999).

Assim, os usuários das redes têm acesso as paisagens *on-line* que, por sua vez, incorporam várias vozes anônimas a um agrupamento de imagens relacionadas/catalogadas através de palavras-chaves. O mosaico de imagens junto as palavras-chaves que as definem constroem uma representação imagética do que é visto, cabe aos usuários distribuídos em espacialidades diferentes estruturar as leituras através do ser/estar no mundo respectivo.

Um ponto importante a se ressaltar é que, ao utilizar as definições das paisagens realizadas por Besse (2014) para analisar a composição das paisagens *on-line*, propendemos para a aproximação com as paisagens vernaculares. Entretanto, na coexistência das paisagens, a produção e replicabilidade das imagens fazem acordos com os espaços de poder, próprios das territorialidades em que são produzidas.

3.1.1 Visualidades nos mosaicos digitais

Como observado, a paisagem apresenta-se associada, quase que exclusivamente, às formas visíveis e suas implicações na superfície terrestre. No

entanto, o conceito de paisagem, como categoria geográfica, vêm abrangendo reflexões de perspectivas teóricas que abordam problemáticas da experiência humana – sensoriais, afetivas, culturais etc. – ampliando a análise do seu significado e pensando a paisagem como objeto vivo das interações humanas e o meio em que vive (BESSE, 2014; DARDEL, 2011; TUAN, 1983).

Ao se considerar as demais categorias geográficas como instrumentos de análise do espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia, entendemos que a abrangência conceitual das categorias é alcançada através das linguagens utilizadas no processo comunicativo.

O desenvolvimento de uma linguagem própria mediatizada na Internet, onde elementos visuais, como utilizados no aplicativo Instagram, constituem a substância básica da apreensão dos significados descortinam interações que articulam um entendimento geográfico.

Figura 1 – Interface do aplicativo Instagram



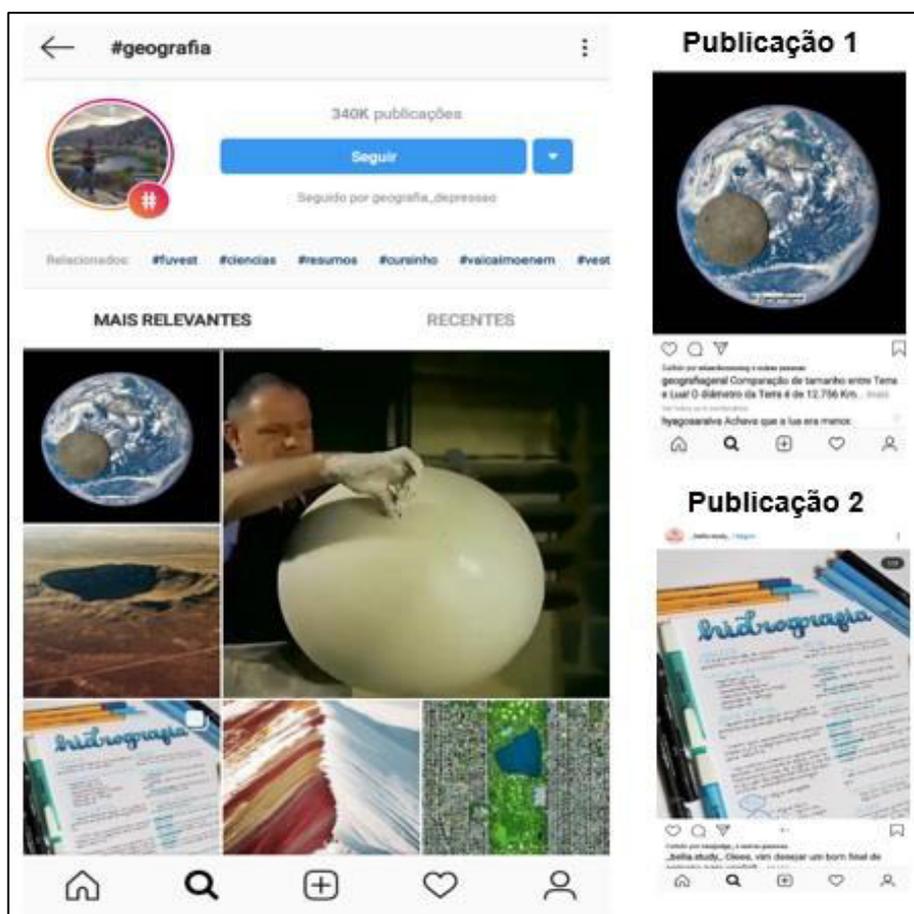
Fonte: Aplicativo Instagram

As hashtags escolhidas pelos usuários significam e reproduzem uma coesão das imagens produzidas por grupos sociais distintos. O agrupamento das fotografias forma um mosaico interpretativo da hashtag utilizada para o direcionamento ao banco de imagens.

Dessa forma, construímos o conceito de paisagens *on-line*. A priori, se considerou a estética e intencionalidades das fotografias postadas. Com as contribuições Rose (2013) estendemos as reflexões para como se vê, como somos capazes ou ainda autorizados a ver, e como esses olhares se unem nas redes sociais formando um mosaico das porções dessas visualidades.

Ao conceber esse mosaico de imagens como uma paisagem, recorremos a Collot (2013, p. 17) quando o autor projeta que “a paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista.

Figura 2 – Mosaico de imagens agrupadas a partir da hashtag #Geografia



Fonte: Aplicativo Instagram. Publicação 1 - Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B3dSLiSDLuo/?igshid=kzd6ed3pva06>>. Acesso em: 10 out. 2019. Publicação 2 - Disponível em: <<<https://www.instagram.com/p/B2ppDyWA2eP/?igshid=1sxn5e1gm0td>>>. Acesso em: 10 out. 2019.

As fotografias postadas via Instagram teriam como função a exteriorização do diálogo entre paisagem e sujeito. Os modos de se vivenciar as múltiplas paisagens é definida de onde é observada, envolve um exercício de quem observa, o autor define que “um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem senão a partir do momento em que é percebido por um sujeito” (Ibidem, p. 19).

Assim, as percepções provocadas pelas imagens recriam e significam essas paisagens através do olhar do outro. As paisagens tornadas *on-line* não se referem apenas ao fragmento de espaços físicos retratados, é resultado da interação com o sujeito que percebe aquele espaço conectando-se às multiplicidades espaciais, sociais e afetivas de quem observa. Mediatizadas nas redes sociais, as imagens costuram paisagens que assumem diferentes sentidos. Elas se juntas num mosaico significativo e recriam novas representações do que se vê.

O estudo realizado por Monteiro (2010) apresenta a análise de dados que interpretam a Geografia escolar na perspectiva da participação de professores e alunos construindo a disciplina entre os anos 1989 e 1992. O autor identificou nos professores a expectativa do desempenho dos estudantes diante do que estabeleciam como a nova geografia. No entanto a didática, avaliação, conteúdos continuavam pautadas “em propostas que mecanicamente identificamos como discurso docente” (p. 68).

Arriscamos dizer que após duas décadas e o estabelecimento de uma geografia crítica, muitas vezes um pastel de vento (KAERCHER, 2008); há uma continuidade da problemática apontada. Que ferramentas são utilizadas para aproximar os conceitos espontâneos, próprios dos significados atribuídos às vivências, aos conceitos científicos em sala de aula?

Consideramos como possibilidade pedagógica a familiaridade com interações geográficas espontâneas presentes nas paisagens *on-line* para retomada do diálogo entre os conceitos abordados num processo colaborativo de ensino mediado pelo professor.

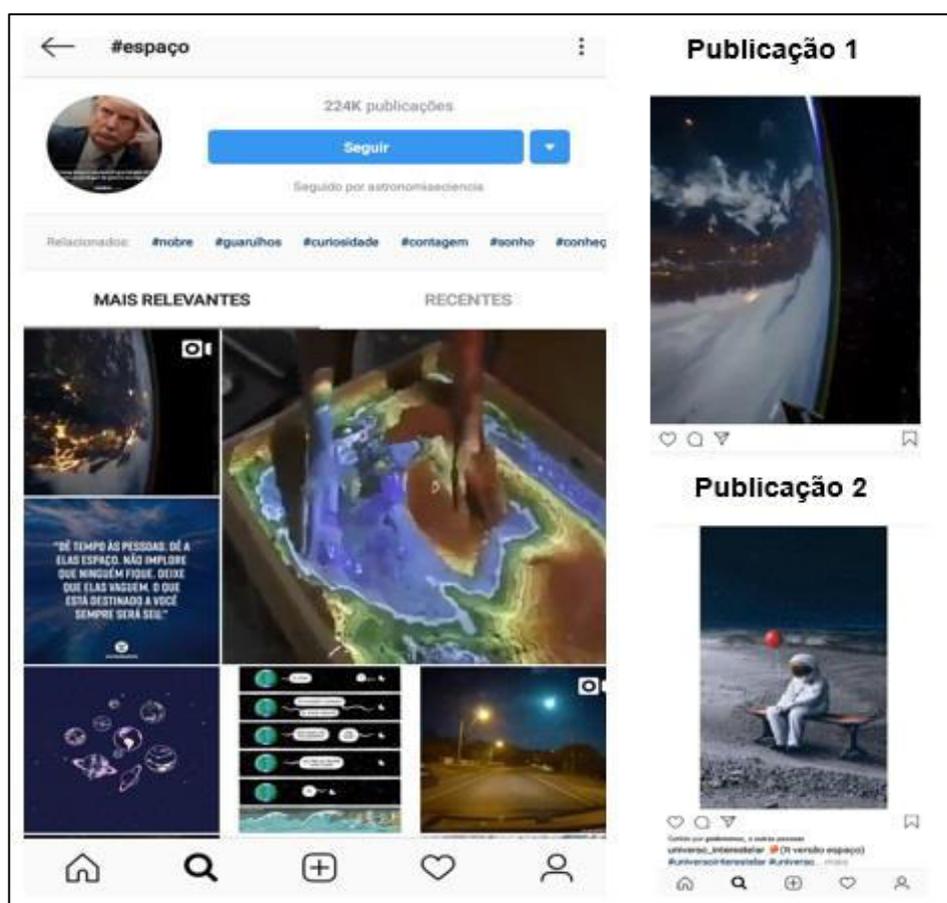
Mas, como utilizá-las em sala de aula? E o que faz das imagens uma paisagem *on-line*? Os elementos que caracterizam as paisagens apontados nos ensaios de Collot (2013) nos trazem algumas nuances para o entendimento das paisagens *on-line*. Primeiro, “a paisagem provoca o pensar e o pensamento se desdobra como paisagem” (COLLOT, 2013, p. 12). Ou seja, o sujeito não se situa

exteriormente ao que observa, faz parte e se reconhece dentro do que experencia, ali, todos seus sentidos viabilizam a existência da paisagem.

Se o que experencia o ojeriza pela excentricidade, o faz alicerçado no que se traduz em sensações e percepções na compreensão das paisagens, interações que partem da subjetividade do sujeito. Essa compreensão das paisagens preenchem as lacunas do visível, a imagem como recorte espacial não oferece todas as informações do entorno.

No entanto, não experenciamos a imagem como uma peça isolada, nossas experiências as colocam em perspectiva, superando os elementos sensoriais (COLLOT, 1990).

Figura 3 – Mosaico de imagens agrupadas a partir da hashtag #Espaço



Fonte: Aplicativo Instagram. Publicação 1 - Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B3LaWzulhOB/?igshid=tvzfl0q2uopm>>. Acesso em: 10 out. 2019. Publicação 2 - Disponível em: <<<https://www.instagram.com/p/B2MtCOUjKH-/?igshid=l4mrquebz8e2>>>. Acesso em: 10 out. 2019.

O mosaico formado pelas imagens compartilhadas e agrupados pela *hashtag* oferece provocações que desencadeiam um entendimento de espaço. Na figura 3, observamos na publicação 1 (detalhe) a representação do espaço como uma área visível do universo.

Da janela de uma nave espacial se contempla na paisagem a infinitude, ninguém realmente sabe onde se inicia ou termina o espaço, as escalas científicas em anos-luz definindo distâncias não são comuns, entretanto dominamos uma construção imagética do espaço, com sons, vibrações, sensações que reflete o que consumimos culturalmente ao longo do tempo.

Na publicação 2 (detalhe – figura 3) a ideia que representa o espaço recria uma atmosfera subjetiva que nos remete a solidão, o astronauta sozinho, sentado em algum planeta desabitado, parece refletir sobre algo. A imagem também traz referências da Indústria Cultural.

O balão vermelho, preso ao banco onde o astronauta se encontra sentado, faz alusão ao filme *It: A coisa*, baseado na obra de Stephen King. Primeira versão lançada na década de 90 e nova franquia assinada pelo diretor Andres Muschietti veiculada nos cinemas em 2017.

A representação desse objeto na imagem pode passar despercebido ao observador e analisado em conjunto, como um componente da cena, pode retratar um elemento que reforça, pelo caráter festivo, o peso da solidão reflexiva do astronauta. Já para os consumidores e fãs da franquia a associação do filme ao balão vermelho, que compõe com seu simbolismo a narrativa da película em diversos momentos, é direta e imediata.

No entanto, apesar dos comentários dos usuários apontando conexões entre a publicação e o filme, ou do uso da *hashtag* #it na descrição da imagem, não se têm como afirmar a real intencionalidade imagética do autor que criou essa imagem em específico publicada via Instagram (LÉVY, 1999). As possibilidades de interpretação são leituras realizadas individualmente, ou seja, mesmo com os limites espaciais, intencionais e/ou subjetivos estabelecidos, “ela [a paisagem] fala a quem olha” (COLLOT, 1990, p. 24).

O significado é interpretado em função das experiências afetivas e as esquematizações socioculturais do *estar no mundo* em que o observador se insere. Dessa forma, as paisagens *on-line*, por suas possibilidades de reprodução

desvinculadas à núcleos de comunicação tradicionais abrem espaços antes inviabilizados de diálogo dessas individualidades, entremeando escalas geográficas, estéticas e simbólicas diferentes nas interfaces dos aplicativos das redes sociais.

Na proposta sobre a utilização das paisagens on-line no ensino de Geografia, consideramos os caminhos que Dardel (2011) aponta ao discutir a existência e a realidade geográfica. O autor retoma as vivências afetivas do indivíduo com o meio em que vive como ponto de partida para o interesse geográfico.

A Geografia não designa uma concepção indiferente ou isolada, ela trata do que me importa ou me interessa no mais alto grau: minha inquietação, minha preocupação, meu bem estar, meus projetos, minhas ligações. A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares da sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade (DARDEL, 2011, p. 33-34).

O cotidiano como objeto de estudo se configura como uma ferramenta pedagógica no ensino de Geografia. Dardel (2011) indica os trajetos que ressignificam o aprendizado geográfico em sala de aula. As experiências individuais e coletivas do lugar vivido mediadas em sala pelo professor tornam as aulas uma continuidade das vivências dos alunos, isto é, uma extensão da sua própria existência sobre a terra.

Se “os espaços da Geografia não são os mesmos dos sujeitos concretos; por isso mesmo eles podem ser estudados de maneira desconexa, sujeita ao esquecimento” (OLIVEIRA, 2010, p. 73). Os princípios que norteiam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sinalizam a entendimento das identidades e dos lugares de vivência como vetores de aprendizagem do conteúdo escolar.

Na apresentação do documento, o componente curricular Geografia traz como fundamento norteador as relações cotidianas dos estudantes em escalas diferentes (lugares, regiões, mundo) sejam essas realidades experiências vividas, ou resultantes da esquematização do conhecimento adquirido ao longo da trajetória escolar (BNCC, 2017).

O componente curricular Geografia contém em seu texto quatro dimensões formativas: O sujeito e o mundo; O lugar e o mundo; linguagens e o mundo; Responsabilidade e o mundo, articulando as propostas teórico-metodológicas as relações de existência entre o homem e o mundo, identificando o “ser humano, como protagonista de sua existência” (BNCC, 2017, p. 236).

As dimensões que direcionam a disciplina geográfica no texto da BNCC corroboram com o que Dardel (2011, p. 47) aponta como a construção de uma

“consciência geográfica”. O esboço dessa consciência geográfica parte de uma inquietude, uma base na qual a consciência se desenvolve.

Nesse aspecto, corrobora dentro da metodologia proposta a transversalidade de outra competência geral promovida na BNCC, no uso crítico e responsável das Tecnologias Digitais Informação e Comunicação (TDICs).

Segundo o documento, é necessário que se compreenda o uso das TDICs de forma reflexiva, significativa e ética para a comunicação, acesso e disseminação de informações (BASE NACIONAL COMUM, 2018). As informações, replicabilidade das imagens, vídeos e hipertextos, característicos das tecnologias digitais ensaiam maneiras de se ver, ler, experimentar e, conseqüentemente, agir no mundo.

As formas sociais de comunicação digitais corroboram também com a formação identitária dos sujeitos escolares, constroem e disseminam conhecimento que viabilizam uma identidade de grupo. Dentre as muitas possibilidades, apontamos os mosaicos digitais do aplicativo Instagram como um articulador para o diálogo dessas experiências.

Propomos o reconhecimento de si, as vivências cotidianas, o ponto em que o conteúdo geográfico científico nos livros didáticos se desdobre para diálogo reflexivo das experiências vividas nos TDICs. Se trata de mediar as visibilidades das partes do processo de aprendizagem, dos gestos, de como se comunica e geografiza nas redes sociais.

Acredita-se que as experiências em rede, múltiplas, locais ou globais, onde pessoas comuns criam e mediatizam massivamente conteúdo, a velocidade do alcance, o processo criativo e afetivo que compõem as imagens compartilhadas. As diversas leituras que se constroem a partir dos mosaicos digitais se configuram como base para uma consciência geográfica que se estabelece nas vivências de ser/estar na terra, transitórias, multifacetadas, sígnicas.

3.1.2 O fenômeno *Studygram* e os conteúdos educacionais nas redes

As linguagens tecnológicas já influenciam o desenvolvimento de práticas pedagógicas que dialoguem com esse universo. No entanto, observa-se que o uso das tecnologias no planejamento das aulas se enquadra na categoria dos recursos didáticos (Datashow, laboratório de informática, DVDs).

Como método, o professor utiliza os recursos didáticos digitais, ou para provocar o diálogo com os estudantes através de informações esquematizadas em conjunto de imagens e/ou vídeos ou um remate audiovisual que corroborem com o explanado nos livros didáticos em sala.

Há uma guinada na relação professor e aluno quando consideramos as possibilidades das tecnologias, a experiência em rede dos usuários através da internet, as novas formas de interação e acesso à informação que fazem parte do cotidiano de crianças, jovens e adultos e a construção social do professor como agente do conhecimento.

Os conteúdos das disciplinas escolares deixam o âmbito da sala de aula e se conectam à uma rede de saberes globalmente acessíveis. Acrescenta-se aqui o uso de perfis nas redes sociais para se produzir conteúdo educacional como contraponto criativo aos métodos utilizados no processo de ensino em sala de aula pelo professor e alternativa de estudos dinamizando os conteúdos para a realização das avaliações escolares.

No aplicativo Instagram observa-se o fenômeno dos *studygrammers*, perfis que produzem conteúdo para estudantes nos diversos segmentos, da educação básica à educação superior, contam milhares de seguidores que interagem, replicam e recriam o conteúdo consumido.

Esses perfis migraram para o aplicativo o uso de mapas mentais como método de organização e estudos apresentando uma estética e linguagens próprias. Os mapas mentais utilizados se referem a diagramações construídas para memorização de conteúdo escolar. Logo, fragmentam todo o conteúdo escolar em informações menores compondo uma estrutura visual que sistematiza uma maior quantidade de informações a ser apreendidas.

Dessa forma, utilizam como mecanismos de aprendizagem o uso de imagens, desenhos, códigos, símbolos, palavras-chaves conectados por linhas que partem de uma ideia central. A sistematização se constrói a partir do uso das cores para codificar ou agrupar informações e desenhos para o estudante construir associações que remetam ao conteúdo, o estímulo visual é preponderante para a construção desses mecanismos.

Figura 4 – Mapa mental com conteúdo de Geografia para Ensino Médio



Fonte: Aplicativo Instagram. Disponível em: <<<https://www.instagram.com/p/BjQNPR9lpaK/?igshid=i0td7245ts15>>>. Acesso em: 10 out. 2019.

A relevância do fenômeno dos mapas mentais utilizados como método de estudo pelos *studygrammers* no Brasil podem ser mensurados pelo número de menções aos perfis e quantidade de seguidores. Observa-se que, geralmente os perfis são iniciativas de estudantes que começam a divulgar sua rotina, organização e métodos de estudo para outros estudantes.

O proprietário do perfil *studantefocado*, conta no Instagram que possui 70 mil seguidores⁹ explica que conheceu os mapas mentais através do perfil de uma outra conta de *studygram* que os utilizava para estudos do conteúdo das disciplinas da faculdade de direito e decidiu aplica-los nos seus estudos no Ensino Médio¹⁰.

⁹ Período referente à quarta semana de outubro/2019.

¹⁰ P.H. Entrevista I [out. 2019]. Entrevistador : Juliana Oliveira Andrade. Araxá - MG, 2019.

Atualmente, ingresso na universidade, no curso de Publicidade e Propaganda continua a utilizar o Instagram como ferramenta de estudo, organização e colaborar com mapas mentais referentes ao conteúdo de Ensino Médio e conteúdo do currículo do curso superior.

Da mesma forma, L. estudante do Ensino Médio e proprietária do perfil *help_resumo* com 24,7 mil seguidores¹¹ descreve a forma como começou a criar conteúdo para alimentar a página.

Eu comecei a fazer resumos quando entrei no Ensino Médio e comecei a pensar em compartilhar quando os meus colegas de sala pediram fotos e eu percebi que poderia ajudar as pessoas através dos meus resumos.¹²

O conteúdo criado pelos *studygrammers* não são desenvolvidos por profissionais da área da educação. Tratou-se, a priori de iniciativas pessoais de estudantes que compartilham suas demandas, necessidades, medos, ou seja, são prolongamentos dos espaços vividos em sala de aula. Depois, através da popularização dos mapas mentais se desenvolveu um nicho de influenciadores digitais na área de estudos que profissionaliza a forma de se produzir esse tipo de conteúdo.

A relação entre os mapas mentais como extensão das vivências em sala de aula propicia uma percepção do outro que aproxima os usuários, na medida que compartilha valores e significados como comunidade e rede de relações. Na dinâmica dos perfis, os usuários não seguem as páginas somente para consumir o conteúdo, dicas e métodos. Acompanham o trajeto acadêmico dos *studygrammers*, interagem, comemoram os resultados no ENEM e outros vestibulares, etc.

Esse vínculo das vivências também é evidenciado quando o studygram P.H explana sobre os motivos que levam os estudantes utilizarem os conteúdos produzidos pelo seu perfil no aplicativo.

As pessoas querem aprender mais sobre a educação e pela facilidade que o Instagram traz é uma ferramenta que muita gente usa para aprender. Acho que meu conteúdo é útil para as pessoas porque através dele eu procuro passar minha experiência em já ter passado pela fase do ensino médio, vestibulando, já ter passado na faculdade. Procuro mostrar um pouco das fases que eu já passei e mostrar os erros que cometi para as pessoas não fazerem o mesmo além de dar dicas de como aproveitar melhor cada fase.¹³

¹¹ Período referente à quarta semana de outubro/2019.

¹² C. L. V. Entrevista II [out. 2019]. Entrevistador: Juliana Oliveira Andrade. São Paulo - SP, 2019.

¹³ P.H. Entrevista I [out. 2019]. Entrevistador: Juliana Oliveira Andrade. Araxá - MG, 2019.

A adolescente E. C., proprietária do perfil *studiespotter*¹⁴ corrobora com a ideia do aprofundamento dos vínculos afetivos afirmando que *“eles veem no meu perfil um lugar para se identificarem, por quê sou uma estudante comum [...] quero que as pessoas encontrem além da matéria resumida alguém que se identifiquem”*¹⁵

Consideramos que as interações e alcance dos perfis dos *studygrammers* no aplicativo dialogam com a estética visual atrativa e o reconhecimento de si, pela proximidade virtualizados nos esforços para o estudo, dificuldades, nas vivências do cotidiano estudantil significando o conteúdo dos perfis.

Não identificamos perfis relevantes com conteúdo exclusivo para a disciplina de Geografia, as páginas possuem um aparato de conteúdos contemplando o conjunto das disciplinas escolares.

4 INSTAGRAM EM SALA: DO DISCURSO AO COTIDIANO

O uso dos perfis no Instagram para os alunos da EEEP Edson Queiroz é corriqueiro, participam ativamente das redes sociais nas esferas individuais e institucionais – no que se refere a prática associadas a divulgação dos projetos de pesquisa científica realizadas para a TEIA Feira de Ciência e Cultura para a comunidade escolar. A ideia da utilização dos perfis de divulgação dos projetos científicos para a comunidade, segundo o professor Kevin Gondim

*a ideia surgiu dos próprios alunos. Acredito que a facilidade das redes sociais em divulgar os projetos fez com que as propostas dos alunos se tornassem mais acessíveis e próxima pra comunidade escolar e a sociedade civil, que é o público alvo de todos os trabalhos realizados pela feira científica da escola. Viralizar pra alcançar e mobilizar mais gente.*¹⁶

A informação se confirma nas falas dos alunos. Segundo a aluna G. *“a gente cria ig’s [sic] para os projetos para divulgar e compartilhar conhecimento mesmo. Como são projetos científicos, é interessante que outras pessoas conheçam”*¹⁷.

¹⁴ O perfil no aplicativo Instagram conta com 11,3 mil seguidores.

¹⁵ E.C. Entrevista III [out. 2019]. Entrevistador: Juliana Oliveira Andrade. Mogi das Cruzes - SP, 2019

¹⁶ Kevin Gondim. Entrevista IV [set. 2019]. Entrevistador Juliana Oliveira Andrade. Cascavel- CE, 2019.

¹⁷ G.G.R. Entrevista V [out. 2019]. Entrevistador Juliana Oliveira Andrade. Cascavel- CE, 2019.

Da mesma forma, a inserção dos mapas mentais na prática pedagógica dos professores das disciplinas de Ciências Humanas remonta às experiências dos estudantes nas redes sociais.

Através dos perfis dos *studygrammers*, alguns estudantes tiveram contato com a estética e linguagens dos mapas mentais e passaram a vivenciá-las em sala de aula provocando a atenção dos professores e outros alunos para os métodos que utilizavam para as notas de aula.

A ideia veio de alunos em específico que haviam feitos mapas mentais para estudo individual e rapidamente foi abraçada pelos professores de Ciências Humanas que passaram a ensinar aos outros alunos a como realizar materiais de fácil assimilação de conteúdo. Adotamos como prática didática mesmo, solicitando como atividade para que ao mesmo tempo avaliassemos o desempenho do aluno e também proporcionasse a autonomia na produção do conhecimento. Os alunos se apropriaram ao ponto de disponibilizar seus mapas para outros, inclusive em rede social.¹⁸

A postura pedagógica que se permite mediar o cotidiano abre espaços para diversos campos metodológicos. Todo indivíduo se encontra inserido num contexto de vivência cotidiana dinâmica, contraditória e relacional com outros indivíduos. Essa troca consiste no processo de reconhecimento das identidades dos estudantes dentro de uma espacialidade que permeia as formas comunicacionais virtualizadas. Nessa direção, a postura de mediação nos espaços escolares tende a “desroteirizar” os conteúdos disciplinares, assim como as metodologias e avaliações utilizadas no processo de ensino.

Nesse contexto, a avaliação semestral para composição das notas parciais das disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia passam a incluir, junto à resolução das questões do caderno de provas de Ciências Humanas e suas tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, a elaboração de mapas mentais para cada disciplina abordando temáticas presentes no caderno. A estudante M. explica que

o mapa mental é uma das melhores ferramentas de ensino, porque tipo, é uma maneira de você aprender mais rápido conteúdo que às vezes são extensos, aí quando a gente associa palavras-chave com as figuras fica muito legal, e na hora de revisar para algum tipo de prova você consegue assimilar muito mais rápido. E o que eu acho mais atrativo são os desenhos e os coloridos¹⁹.

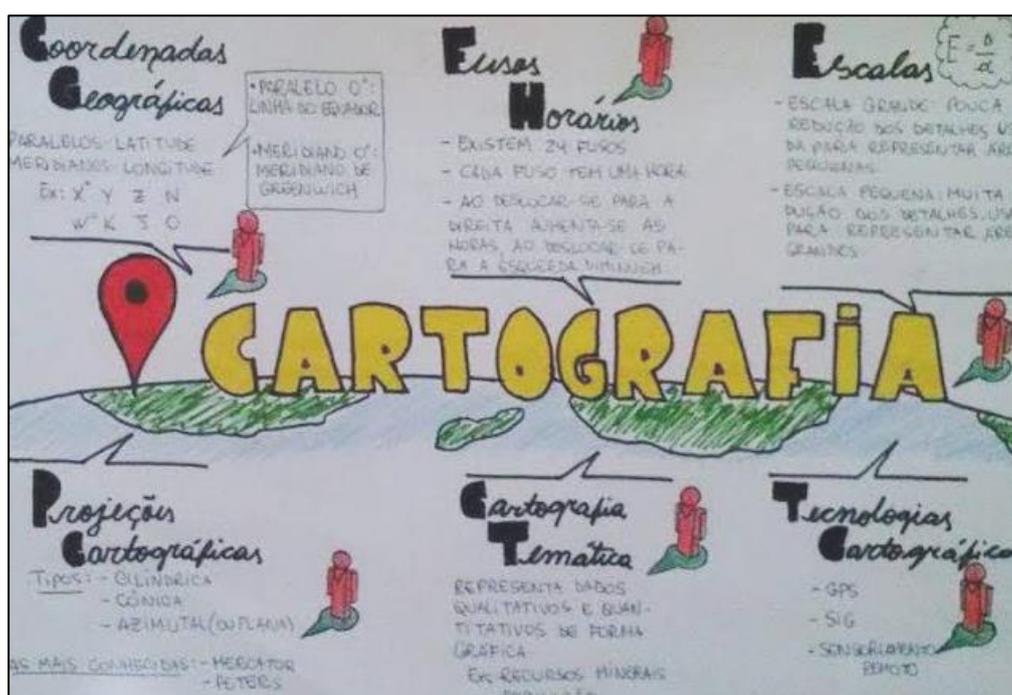
¹⁸ Kevin Gondim. Entrevista III [set. 2019]. Entrevistador Juliana Oliveira Andrade. Cascavel- CE, 2019.

¹⁹ M.S. Entrevista VI [out. 2019]. Entrevistador Juliana Oliveira Andrade. Cascavel- CE, 2019.

A estética e a linguagem utilizada nos mapas são citadas como temas de interesses para a utilização do método, G. reforça que “*é muito legal de fazer, porque eu utilizo várias canetas e marca-textos, fica visualmente atraente. Então se torna uma coisa agradável de fazer*”²⁰. Embora homônimos, os mapas mentais utilizados pelos *studygrammers* difere dos mapas mentais conceituados geograficamente.

O primeiro refere-se, principalmente a capacidade de hierarquizar, diagramando visualmente informações para a memorização de conteúdo. O segundo, são representações que compreendem o experienciado, um elo entre o indivíduo, lugar ou ambiente físico descrito através da experiência concreta e individual (TUAN, 1983). No entanto, ambos relacionam conceitualmente informações geográficas através de representações.

Figura 5 – Mapa mental com conteúdo de Geografia para Ensino Médio (Detalhe).



Fonte: Aplicativo Instagram. Disponível em: <<<https://www.instagram.com/descomplica?igshid=eirfx8ilo67n>>>. Acesso em: 1 nov. 2019.

A construção dos mapas mentais, sobre o conteúdo geográfico, distribui e decodifica informações através de desenhos e palavras-chaves que retratam a

²⁰ G.G.R. Entrevista V [out. 2019]. Entrevistador Juliana Oliveira Andrade. Cascavel- CE, 2019.

compreensão cognitiva do que foi apreendido. Esse processo também elabora uma iconografia geográfica do que foi apreendido em sala adquirindo um significado imagético que se correlacionam com o entendimento de mundo de quem o produz.

Por exemplo, no mapa mental representado na figura 5, a construção estética do mapa sobre cartografia compreende, para representar as características das ciências cartográficas, o ícone de navegação pelas imagens do *street view* do aplicativo *Google Maps*, ferramenta gratuita de visualização e imagens de satélites da empresa estadunidense Google.

As percepções individuais se relacionam no processo de criação dos mapas mentais, as experiências sociais, culturais e técnicas dos grupos sociais se cristalizam nos desenhos escolhidos para a representação. Neste mapa em específico não encontramos ilustrações de bússolas, rosa dos ventos, globos e mapas, objetos que instrumentalizaram a imagética da cartografia.

Talvez, sob a perspectiva de outras experiências, de indivíduos que não possuem os meios técnicos digitais, os desenhos escolhidos para ilustrar as ideias sobre a cartografia recorreria a imagética tradicional. É preciso lembrar que ao mesmo tempo que o processo de produção, uso e consumo de informações em redes digitais se expande, muitos ficam à margem desses processos.

4.1 DOS RESULTADOS

Durante a construção da pesquisa esboçamos elementos que apontam as possibilidades das plataformas sociais como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Identificamos as interações possíveis entre o mosaico de imagens virtualizadas no Instagram estabelecendo um linguagem geográfica própria e a produção do espaço em função das visualidades mediatizadas através do aplicativo.

Procuramos evidenciar as dimensões afetivas dentro das conexões em redes *on-line* como meio de inserção das vivências do cotidiano do estudante em sala. Acreditamos que as reflexões sobre as múltiplas apropriações do espaço geográfico encontra eco na proximidade das leituras que podem ser realizadas através das paisagens *on-line*, produzidas em comunidade e a mediadas do professor.

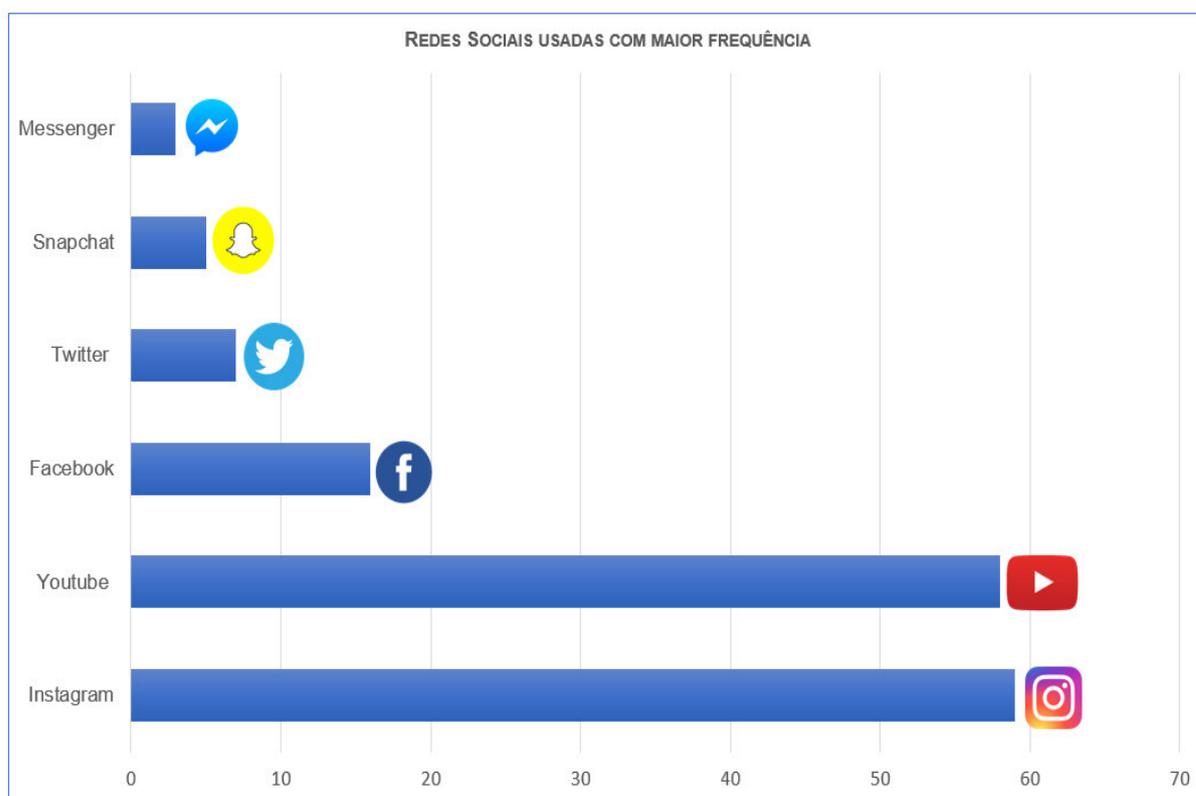
No entanto, todo discurso sobre métodos de ensino – aprendizagem se encerra na aplicabilidade. Na sala de aula é viável o uso de plataformas sociais para

o ensino de Geografia? Quais as questões estruturantes para que a imagética afetiva viabilizada pelas redes sociais se efetivasse como recurso pedagógico para a Geografia?

Para responder essas questões, além das entrevistas estruturadas, foi aplicado um questionário com 17 questões (APÊNDICE B e C) para um grupo de 80 alunos do Ensino Médio da EEEP Edson Queiroz. As turmas selecionadas para a aplicação do instrumento foram os 1º e 2º anos dos cursos de Agroindústria e Redes ofertados pela instituição. O questionário objetivou coletar dados caracterizando o uso e acesso às plataformas sociais dentro da amostra de estudantes que aceitaram participar da pesquisa. A faixa etária do grupo amostral variou entre 15 – 17 anos, procuramos nivelar a quantidade de meninos e meninas entrevistados, respectivamente 39 e 41 respondentes.

Iniciamos a análise dos dados agrupando informações sobre as redes sociais utilizadas com maior frequência pelos estudantes. Foi comunicado aos entrevistados que poderiam selecionar mais de um item, a ideia era identificar um referencial de preferências de acesso às redes *on-line*.

Gráfico 1 – Redes sociais usadas com maior frequência

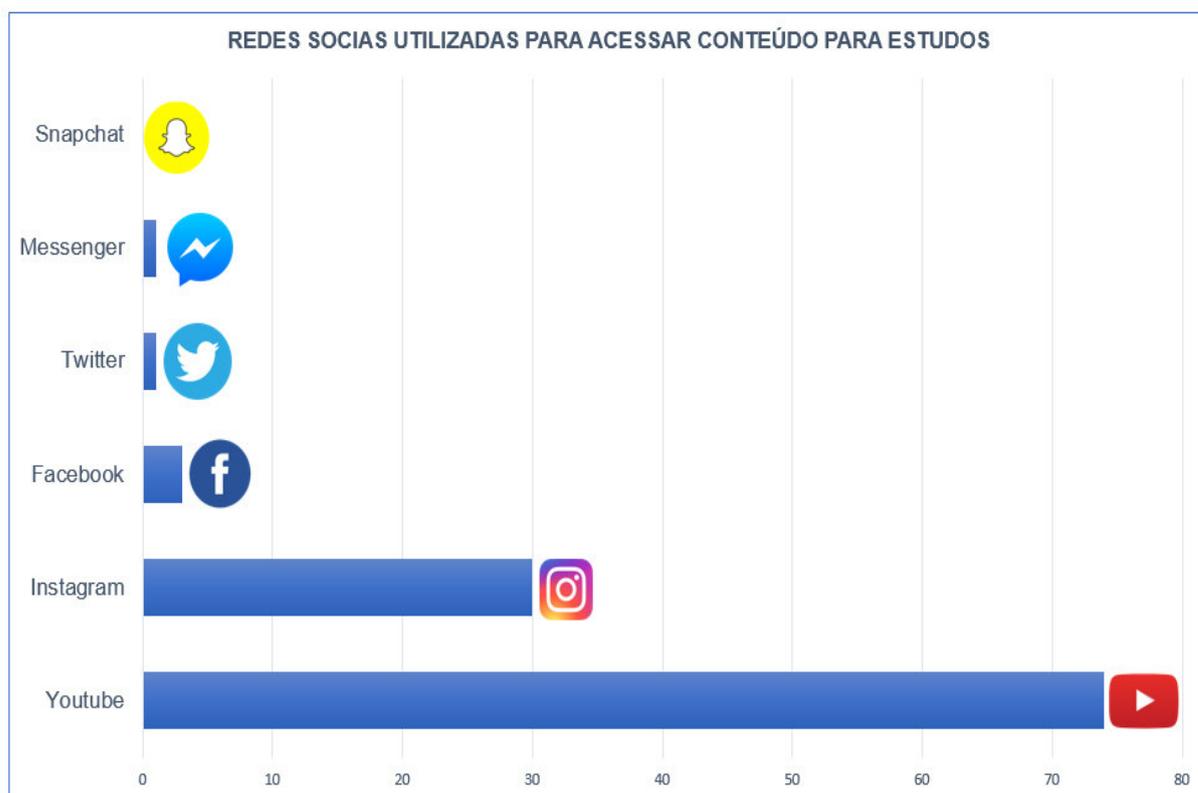


Fonte: Dados da pesquisa

As redes sociais citadas na pesquisa aparecem no relatório Digital in 2018 - seção Brasil (DIGITAL IN 2018, 2018) entre as dez redes sociais mais acessadas por brasileiros. Observa-se no gráfico 1 que o aplicativo Instagram, junto a plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, são os mais citados em frequência de uso pelos alunos. Na opção *outros* 47% dos estudantes citaram o uso do aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas *Whatsapp*.

As informações corroboram com os dados coletados no item 4 do questionário (APÊNDICE B) sobre a redes sociais utilizadas para acesso de conteúdo para estudos ou pesquisa. Constatamos no gráfico abaixo que os aplicativos mais utilizados para acesso de temáticas educacionais são as plataformas do Instagram e o Youtube. No entanto, a pesquisa aponta uma considerável distância de menções entre os aplicativos. Como ferramenta de acesso a conteúdo educativo e pesquisa, o YouTube é a rede social com maior número de usuários entre os estudantes.

Gráfico 2: Redes sociais utilizadas para acessar conteúdo para estudos



Fonte: Dados da pesquisa

A 30ª Pesquisa Anual de Administração e Uso de Tecnologias da Informação nas Empresas²¹ elaborada pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP) aponta que há 230 milhões de celulares ativos no Brasil, estima-se que, entre smartphones, tablets, computadores e notebooks, o país possui dois dispositivos digitais por habitante²², trata-se de 420 milhões de aparelhos digitais ativos (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2019).

Segundo dados do IBGE, o aparelho celular é o principal meio de acesso da população brasileira à Internet. O percentual de indivíduos que utilizam o smartphone para se conectar representam 97,0% do total de acessos à internet. Os dados do Pnad C constataam que 95,5% dos usuários acessam a internet para troca de mensagens em aplicativos (AGÊNCIA IBGE, 2018).

Esses dados triangulam informações pertinentes para a utilização das plataformas sociais em sala de aula. As estratégias para o uso de aplicativos como recurso pedagógico no ensino de Geografia se estrutura no fluxo das informações compartilhadas entre os estudantes e os vínculos afetivos que se desenvolvem na produção e apropriação desse conteúdo.

Aqui apontamos viés que se complementam: 1) a necessidade do aparelho celular para acesso às plataformas sociais pelos estudantes; 2) a mobilidade que o aparelho representa para a percepção, reprodução e (re) significação dos espaços nos múltiplos contextos territoriais e sociais; 3) a presença das redes sociais na dinâmica do cotidiano.

Dessa forma agrupamos na tabela a seguir, dados sobre formas de acesso à internet, contas ativas no aplicativo Instagram e frequência de utilização da plataforma. Verificamos que 95% dos estudantes que aceitaram participar da pesquisa possuem aparelho celular particular. Sobre o uso do aplicativo Instagram, 90% dos alunos afirmaram possuir conta ativa no aplicativo Instagram.

Os dados apresentados são expressivos quando consideramos a abordagem do estudo. Propomos trazer o cotidiano como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia. As estratégias para as leituras do cotidiano abordam e utilizam o uso das redes sociais como ferramentas de análise. As condições estruturais para a proposta,

²¹ Dados divulgados em 2019.

²² Segundo o IBGE, estima-se que o Brasil tenha 210,7 milhões de habitantes em 2019. Disponível em: <<
https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

por coerência, passam ao longo do acesso à aparelhos celulares e o uso da rede social estudada.

Tabela 1 – Formas de acesso às redes sociais e uso do aplicativo Instagram

Forma de acesso as redes sociais		Conta ativa no aplicativo	
Celular particular	76	Sim	73
Celular de outra pessoa	2	Não	7
Tablet	-	Frequência de uso	
Computador particular	24	Diariamente	60
Laboratório de Informática	6	Semanalmente	9
Outros	1	Mensalmente	3

Fonte: Dados da pesquisa

Segundo os dados apresentados na tabela 1, observamos que 85% dos estudantes que possuem conta no aplicativo acessam diariamente seu perfil. Solicitamos aos alunos, que informaram o acesso diário, que indicassem o número de vezes que costumam acessar a rede social. Na análise realizada não consideramos as informações imprecisas, a somatória dos dados demonstra que, em média, os estudantes acessam a sua página no Instagram 13,5 vezes por dia.

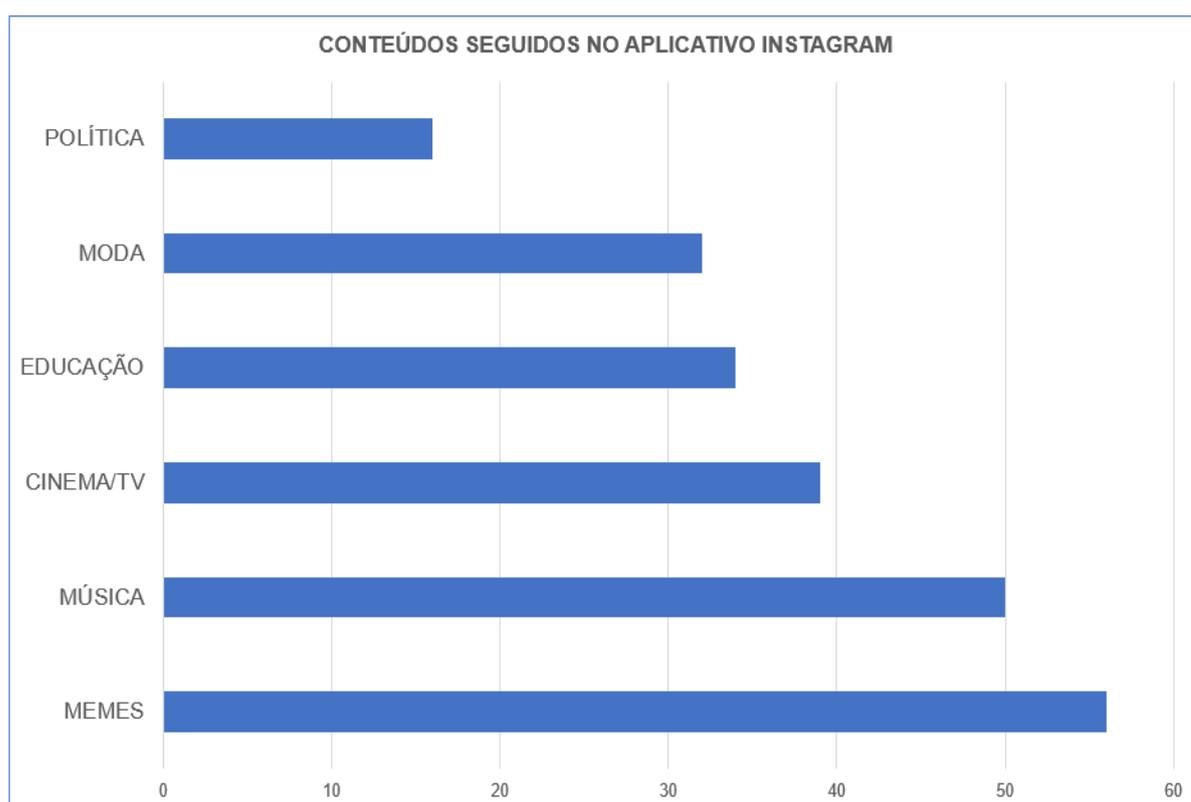
Constatamos que o acesso não se restringe apenas aos que contam com aparelho celular. Todos os alunos que afirmaram não possuir perfil no aplicativo dispõem de telefones móveis. Os estudantes sem celulares, que representam 3,75% da amostra, acessam o aplicativo através de celulares de terceiros ou na versão *web* através dos computadores do laboratório de informática da escola.

Dado o significativo número de acessos diários, procuramos traçar um perfil do conteúdo das contas que engajam os estudantes, as temáticas que mencionam

em hashtags, curtem e compartilham. Procuramos identificar nas informações o consumo de postagens educativas, conteúdos voltados para os estudos. O gráfico a seguir, indica que 47,2% dos entrevistados seguem páginas voltadas para a educação.

Acredita-se que os estudantes consideraram perfis de educação dentro de uma perspectiva mais abrangente de significados. Visto que, ao serem interpelados sobre contas do Instagram com conteúdo direcionado à estudos, há um acréscimo no número de entrevistados que afirmam consumir esse tipo de conteúdo, conforme os dados 72% dos alunos que possuem contas ativas no aplicativo seguem páginas voltadas para a rotina de estudos. Os perfis *studygram* contam com 69,4% de adesão dentro do grupo de estudantes com conta ativa que participaram da pesquisa.

Gráfico 3 – Conteúdos seguidos no aplicativo Instagram



Fonte: Dados da pesquisa.

As páginas com maior engajamento são perfis que produzem e/ou reproduzem memes. O termo, bastante difundido entre os usuários da internet, refere-se a qualquer elemento – vídeo, imagem, frase, etc – que se espalhe rapidamente alcançando o maior número de usuários da rede. Comumente, são construções que

se compõe de texto e imagem retiradas do contexto em que surgiram, replicando uma informação com humor ácido, ironia e trocadilhos.

As contas com menor adesão dos entrevistados são as que publicam conteúdo político. Alguns entrevistados afirmam que seguem páginas de notícias para informações “posso ver o que está acontecendo no mundo, posso ver métodos de estudos para o ENEM²³”. Quando questionados sobre o que achavam interessante no Instagram, os mesmos citaram que as notícias são confiáveis “não têm tantas notícias falsas²⁴”.

Termos como usabilidade, facilidade, simplicidade, rapidez, variedade foram reiteradamente citados para definir o que é interessante no uso do aplicativo Instagram. O item aberto foi pensado para que os estudantes pudessem apontar espontaneamente quais aspectos da plataforma os atrai para o uso contínuo. A abrangência e diversificação dos conteúdos, facilidade de manuseio da interface do aplicativo surgem como principais fatores para o uso do aplicativo.

Outro elemento preponderante para a utilização da rede social estudada é a proximidade afetiva que o usuário constrói em torno do cotidiano dos proprietários dos perfis. De acordo com as respostas nos questionários, a função *Instagram stories* – publicações exibidas na tela inicial que desaparecem em 24 horas, se caracteriza como razão do acesso diário.

“Nunca fica chato²⁵” acessar o perfil, já que a interface está sempre fluindo. Os usuários interagem com as novas publicações, seguem e compartilham recortes do próprio cotidiano. É um espaço específico onde as conexões entre os indivíduos acontecem independente do distanciamento territorial. O cotidiano retratado imagetivamente se constitui de interesses partilhados por segmentos de usuários.

A construção dos laços afetivos partem da relação de pertencimento que surgem dessas conexões. Recuero (2009, p. 94) sobre isso especifica que a análise das redes sociais *on-line* é “resultado do tipo de uso que os atores sociais fazem de suas ferramentas (os sites de redes sociais)”. Deste modo, se estabelecem de duas formas: redes emergentes e redes de associação ou filiação.

²³ Fala retirada das questões abertas presentes nos questionários.

²⁴ Fala retirada das questões abertas presentes nos questionários.

²⁵ Fala retirada das questões abertas presentes nos questionários.

Grosso modo, as redes sociais emergentes são aquelas estabelecidas através da reciprocidade das interações dos usuários das plataformas. As redes de associação ou filiação se constroem através das conexões de pertencimento, ou seja, não se concretiza numa sociabilidade direta, é descolada das interações mútuas entre os usuários (RECUERO, 2009).

As redes de associação ou filiação são centradas em conjuntos de atores sociais e nos eventos desencadeados por estes. Abrem espaços para interações entre outros usuários pela sensação de proximidade destes com as características dos atores que determinam os eventos. Consideramos o aplicativo Instagram uma rede social híbrida, composta dos dois tipos de interações ambas derivadas das construções afetivas.

Em relação às características de uso dos alunos entrevistados, 72,2% afirmam que costumam fazer postagens no Instagram. Proporcionalmente reiteram que utilizam a plataforma para acompanhar a rotina dos perfis que seguem (famosos ou não) interagindo com as publicações.

4.1.1 Cenários afetivos e perspectivas

O uso da plataforma como estratégia também permeia os laços criados entre os usuários e o aplicativo e são definidos pelas interações, sensação de pertencimento, por todas as conexões simbólicas que implicam o uso do Instagram. Dessa forma, agregando o que definiremos como capital afetivo as aulas de Geografia.

Contudo, a pesquisa buscou levantar questões sobre os cenários da imagética afetiva presentes no uso do aplicativo Instagram como estratégia para mediar os geografismos que se desenham na odisseia do cotidiano. Consideramos a troca dialógica entre as imagens postadas pelos usuários replicando entendimentos de mundo e o ensino de Geografia mediados pelo professor.

Acreditamos que as paisagens *on-line* se estruturam a partir das conexões dos usuários com as espacialidades que publicizam. Momentâneas ou não, se concretizam no desenrolar da intencionalidade e com o laço estabelecido naquele instante.

Buscamos sistematizar esses entendimentos apresentando alguns dados. Como citado anteriormente, as informações nos questionários indicam que cerca de

72% dos estudantes publicam com frequência imagens no Instagram. A questão seguinte procurou mensurar quantos dos entrevistados publicaram fotografias de pontos específicos das cidades que moram (A EEEP Edson Queiroz atende a demanda por escolas profissionalizantes das cidades adjacentes – Beberibe e Pindoretama/CE).

Constatamos que 48,6% dos alunos afirmam publicar imagens de pontos da cidade em que residem. A análise dos dados nos conduz às considerações iniciais. A percepção dos espaços nas fotografias postadas contém em si fragmentos das experiências cotidianas dos usuários. Vistas na perspectiva de um mosaico, as imagens performam uma visualidade subjetiva do que significa a cidade para determinados grupos sociais.

Entretanto, as imagens compartilhadas também exibem os processos e as dinâmicas geográficas do espaço publicizado. Vejamos, uma fotografia despreziosa da praça de São Francisco – praça localizada no entorno da EEEP Edson Queiroz – na saída da escola e postada no Instagram. A imagem dialoga com diversas temáticas abordadas na base curricular do ensino de Geografia.

Por exemplo, a praça fica localizada nas margens da Avenida Chanceler Edson Queiroz – Cascavel/CE. Todo o fluxo de entrada e saída de pessoas, principalmente via transporte público passa por essa avenida. Por este motivo, há um agrupamento de estabelecimentos diversificados ao longo de toda a avenida, superior ao espaço que é definido como o centro da cidade.

A demanda de passageiros que trabalham e/ou estudam nas cidades próximas é atendida por uma única empresa de ônibus, o que gera transtorno aos usuários em questão de qualidade e especulação das tarifas rodoviárias. A praça de São Francisco também é local das maiores festividades da cidade, diferente da praça da Matriz, que se localiza mais ao centro da cidade.

Todo entorno da praça e Igreja de São Francisco se transforma dias de festas, religiosas ou carnavalescas de forma provisória dados os lugares em festa. Através da mediação do professor é possível desenvolver discussões sobre organização espacial, redes e fluxos, migração pendular, monopólio, etc.

Através da hashtag (#) Praca De São Francisco Cascavel Ce (sic) é possível verificar a quantidade de menções à praça, o uso da hashtag nos direciona a um grande mosaico das imagens que compõem um panorama afetivo do cotidiano daquela comunidade.

Na figura 6, selecionamos alguns fragmentos fotográficos das paisagens *on-line* agrupadas pela hashtag utilizada pelos usuários. Um mosaico que incorpora paisagens festivas, encontros de amigos na praça, memes que discorrem com humor as utilidades da praça, o pôr do sol sob um ângulo que denota a movimentação na avenida.

Olhares individuais com intencionalidades diversas que retratam geograficamente as espacialidades que ocupam, sua organização e relações socioespaciais. Na publicação 1, detalhe da figura 6, observamos ocupando os espaços da praça participantes voluntários da pesquisa.

Figura 6 – Paisagens *on-line* agrupadas a partir da hashtag (#) Praca De São Francisco Cascavel Ce



Fonte: Aplicativo Instagram. Publicação 1 - Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B273PCwpb8x/?igshid=4x8v9bcp86y>>. Acesso em: 25 out. 2019.

Acrescentamos ao panorama esboçado que a análise da pesquisa indica que 77,7% dos estudantes procuraram notícias sobre a cidade em perfis no Instagram. Usualmente perfis com conteúdo produzido por habitantes da cidade, com informações, paisagens *on-line* e memes que descrevem afetivamente os formatos do cotidiano das cidades que os estudantes residem.

Na esquematização da pesquisa nos deparamos com os perfis de conteúdos educacionais voltados para o Instagram. Constatamos a dimensão da influência dos *studygrammers* no cotidiano escolar entre adolescentes e jovens, investigando qual tipo de abordagem os produtores de conteúdos utilizavam para auxiliar na rotina de estudo dos seus seguidores.

Assim identificamos a presença dos mapas mentais como ferramentas de estudo aconselhadas pelos influenciadores. Como citado anteriormente, os mapas mentais são utilizados pelos professores das disciplinas de Ciências Humanas como método avaliativo semestral e a sugestão de uso dos mapas como estratégia de estudos partiu de estudantes que tiveram acesso aos mapas através do Instagram.

Procuramos, a priori, verificar como as virtualidades das redes sociais despontavam dentro das salas de aula. Percebemos que o professor e suas escolhas metodológicas, proporcionalmente despontam dentro das redes sociais. Questionados se conheciam os mapas mentais antes de precisarem utilizá-los nas avaliações das disciplinas de Ciências Humanas, 77% dos estudantes responderam que desconheciam o método.

Reiteraram que passaram a acompanhar perfis de Instagram e canais no Youtube para se inspirarem e aperfeiçoarem esteticamente a elaboração de mapas, já que esse quesito também era avaliado para a composição da nota final. Os entrevistados que já usavam os mapas, afirmaram conhecê-los dos perfis do Instagram, canais de Youtube e de aplicativos como o Pinterest.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve por objetivo trazer reflexões sobre as possibilidades das redes sociais *on-line* no ensino de Geografia. As estratégias esboçadas se substanciam nos vínculos criados entre os estudantes e o uso do aplicativo Instagram como uma peça integrante do cotidiano. A metodologia talvez almejasse uma extensão afetiva do uso da plataforma para a sala de aula, as experiências imagéticas

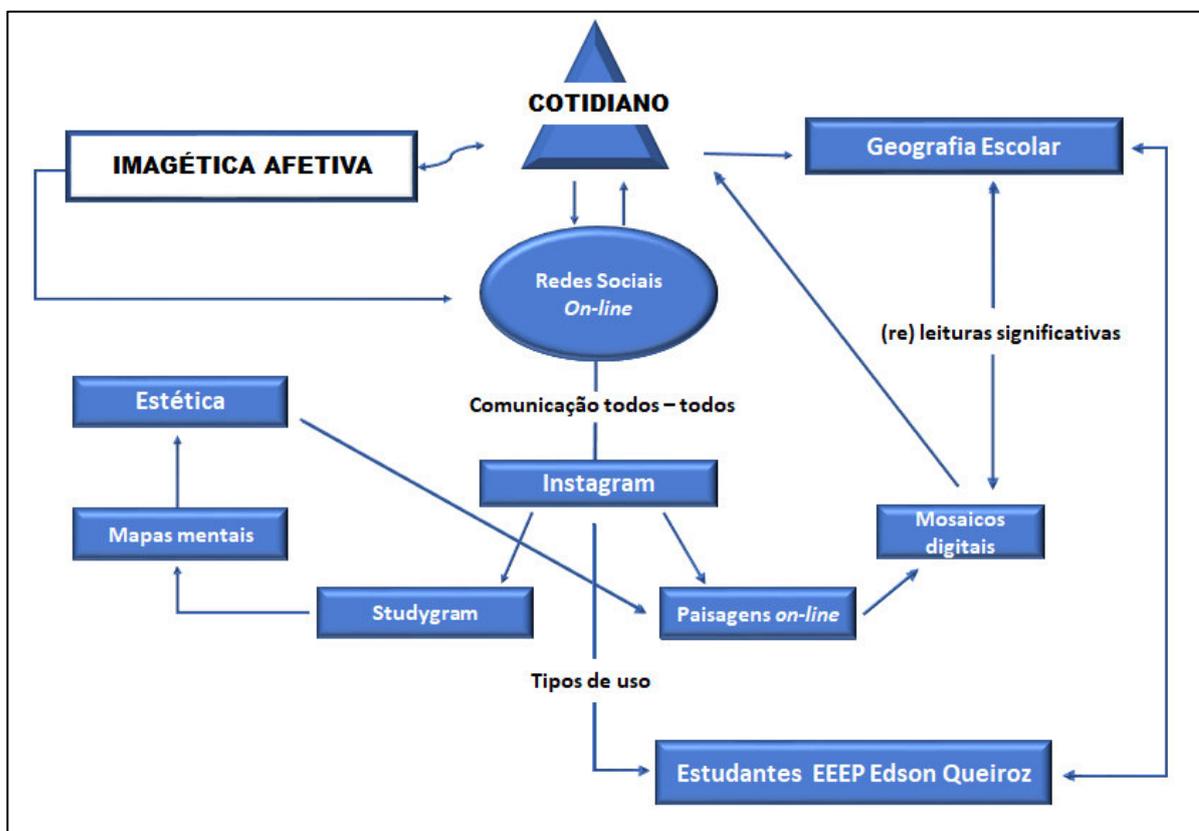
produzidas virtualmente mediadas pelo professor provocando uma (re) leitura dos conceitos geográficos presente no currículo da disciplina.

Buscamos artifícios que nos tornem atraentes aos nossos alunos, somos convidados nas várias semanas pedagógicas consecutivas a traçar metodologias que tornem nossas disciplinas interessantes para alcançar os objetivos propostos. No entanto, é necessário reconhecer que num ambiente heterogêneo e complexo como a sala de aula, o alcance de algumas práticas pedagógicas esfumaça.

Como laçar a atenção desses alunos com interesses e vivências tão diversos aos conceitos geográficos apresentados em sala? Bom, a inquietação será contínua, pois, contínuas são nossas transformações enquanto seres sociais, e por que não, geográficos. No entanto, refletir às redes sociais e suas estruturas inseridas no cotidiano dos estudantes indique uma estrada a ser seguida.

As particularidades das paisagens *on-line* instigam algumas frentes de análise. Uma delas refere-se a capacidade das redes sociais de agrupar em uma plataforma como o Instagram ilimitadas experiências sociais em constante interação.

Figura 7 – Esquemática das ideias principais da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Os usuários produzem informações, dialogam, antagonizam, reelaboram nessa troca os ensaios do cotidiano dentro de contextos socioculturais e territorialidades diversas.

Outro aspecto, investigado brevemente no escopo do trabalho, é a influência concreta das redes sociais nas experiências das pessoas se desdobrando na organização espacial dos lugares, seus fluxos e dinâmicas. Pensar o Instagram é também pensar o geográfico. Significar as visualidades que potencializam o saber geográfico e as dimensões afetivas do cotidiano.

Os dados obtidos na investigação atenderam uma das questões que nortearam a pesquisa, a viabilidade do aplicativo Instagram como recurso pedagógico no ensino de Geografia. Constatamos através dos questionários aplicados na EEEP Edson Queiroz condições físicas e significativas para o uso das paisagens *on-line* durante as aulas.

Compreendemos os abismos estruturais entre escolas públicas e privadas. Nos preocupamos em mensurar o acesso da amostra de estudantes de uma das escolas da rede pública estadual à aparelhos celulares, internet e capacidade de produção de conteúdo próprio. Ou ainda, a capacidade de mediatizar uma linguagem geográfica própria através de suas experiências afetivas com o espaço que ocupam.

Aqui fundamentamos a importância do papel do professor identificando e mediando essas releituras, questionar e dividir com os alunos suas próprias vivências com o lugar comum. Percebemos no desenvolvimento deste estudo que os laços de associação (BREIGER, 1974 *apud* RECUERO, 2009) que nos conectam aos estudantes pelas práticas sociais nos oferece quase que um salvo-conduto para um aproveitamento maior do que lecionamos em sala.

Outro aspecto relevante pela pesquisa é o fenômeno dos *studygram*, conteúdos educacionais das disciplinas escolares produzidos por estudantes, sem conhecimentos metodológicos como identificamos nas entrevistas. São alunos e ex-alunos que compartilham experiências pessoais e métodos de estudos e pesquisa com engajamento pautados principalmente pelo alcance afetivo.

No entanto, quando avaliamos o alcance do principal produto produzido e replicados pelos perfis *studygram* no grupo de entrevistados – o mapa mental, identificamos que poucos conheciam a esquematização e estética dos mapas mentais antes de serem apresentados pelos professores das disciplinas de humanas. A informação suscitou um redirecionamento nas considerações sobre o estudo.

Embora buscássemos alinhar que as paisagens *on-line* e o cotidiano trocam entre si experiências concretas, preponderamos no discurso a materialização das redes sociais no cotidiano escolar. O estudo demonstrou que a grande interação nos perfis *studygrammers* pelos alunos da EEEP Edson Queiroz foi viabilizada pelos professores das disciplinas de Ciências Humanas.

A análise dos mapas mentais denota uma estética que aborda a perspectiva da experiência em sua elaboração. Os mapas mentais retratando conteúdo da disciplina de Geografia decodificam informações através de signos, construções imagéticas que se relacionam com uma experiência de mundo individual. Por esse aspecto, os integramos as paisagens *on-line*, complexando o conceito.

Acreditamos que alcançamos os objetivos da pesquisa, investigamos a possibilidade do aplicativo Instagram como ferramenta no processo de aprendizagem suscitando a percepção de mundo do outro mediadas pelo professor nos ambientes de aprendizagem. Asseveramos que o cotidiano retratado nos cliques dos smartphones dos estudantes abre perspectivas para se pensar o viver, suas estruturas e desdobramentos nos familiarizando com a disciplina geográfica.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE, 2018. Disponível em:

<<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>>. Acesso: 5 out. 2019.

ANDREOTTI, G. **O senso ético e estético da paisagem**. trad. Beatriz Helena Furlanetto. Revista RA'EGA. Departamento de Geografia – UFPR Curitiba, PR, v. 24, 2014. p. 05-17. Disponível em: <<www.geografia.ufpr.br/raega/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

BASE NACIONAL COMUM, 2018. Disponível em:

<<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>>>. Acesso em: 15 out. 2019.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2014.

BNCC, 2017. Disponível em:

<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2019.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, RJ: ECO/UFRJ, 2003.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002, p. 127.

CAVENDISH, A. A. **A passarela virtual: uma análise do aplicativo Instagram como plataforma de construção de narrativas de moda, 2013**. 87 p. Monografia. Disponível em:

<<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5007/1/2013_AlessandraAra%C3%BAjoCavendish.pdf>>. Acesso: 5 out. 2019.

COLLOT, M. **Pontos de vista sobre a percepção das paisagens**. Boletim de Geografia, Rio Claro, v. 20, n. 39, e. 21-32, 1990

_____. **Poética e filosofia da paisagem**. tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. 204 p.

CORRÊA, R. L. **Trajatórias Geográficas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIGITAL IN 2018, 2018. Disponível em:
<<<https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>>>. Acesso: 5 out. 2019.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papirus, 1994, 362 p.

GIL FILHO, S. F. **Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia**. Artigo no 5º Encontro Nacional da ANPEGE, 2003. Disponível em: <<<http://faustogil.ggf.br/home/?s=Espa%C3%A7o+de+representa%C3%A7%C3%A3o+%3A+uma+categoria+chave+para+a+an%C3%A1lise+cultural+em+geografia>>>. Acesso em: 21 set. 2019.

ÉPOCA NEGÓCIOS, 2019. Disponível em:
<<<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/04/brasil-tem-230-milhoes-de-smartphones-em-uso.html>>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

GIGLIO, K. (Org.) et all. **Mídias digitais, redes sociais e educação em rede: experiências na pesquisa e extensão universitária**. São Paulo: Blucher, 2015. 170 p.

ISTOÉ, 2008. Disponível em:
<<https://istoe.com.br/1047_O+FIM+DA+POLAROID/>>. Acesso: 29 set. 2019.

KAERCHER, N. A. **Quando a Geografia crítica pode ser um pastel de vento**. Mercator, Fortaleza, v. 3, n. 6, nov. 2008. ISSN 1984-2201. Disponível em:
<<<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/126>>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 3ed. revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 176p.

KOZEL, S. **As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível**. Artigo apresentado no XII Encuentro de Geógrafos de América Latina, EGAL 2009. Disponível em:
<<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Metodologicos/04.pdf>>>. Acesso em: 21 set. 2019.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p.

MONTEIRO, C. F. M. **Celular na sala de aula como alternativa pedagógica no cotidiano das escolas – IOC- FIOCRUZ**. Disponível em:
<<http://www.labiocomp.bio.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2006/celular_na_sala_de_aula.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

OLIVEIRA, C. D. M. **Sentidos da Geografia escolar**. Fortaleza: Coleções UFC, 2009.

RECUERO, R. C. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

ROSE, G. **Sobre a necessidade de se perguntar de que forma exatamente, a Geografia é “visual”**: Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 33, p.197-206, jan./jun. de 2013. Disponível em: <<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008.

TELECO, 2019. Disponível em: <<https://www.teleco.com.br/internet_usu.asp>>. Acesso: 5 out. 2019.

TONETTO, E. P; TONINI, I. V. **Redes sociais nas práticas escolares da Geografia**. Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia. Florianópolis, SC, v. 1, n. 1, out. 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VASCONCELLOS, L. M. V; CAETANO, V. N, 2014. Disponível em: <<http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos_espacos_de_dialogos/13-Vasconcellos_e_Caetano.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2019.

**APÊNDICE A – PERGUNTAS REALIZADAS NA ENTREVISTA ESTRUTURADA
COM OS PROPRIETÁRIOS DE PERFIS STUDYGRAM**

1. Como você se tornou um *studygrammer*?
2. Você é da área da educação? Têm contato com professores?
3. Onde surgiu a ideia de construir mapas mentais e viabiliza-los a outros estudantes através do Instagram?
4. Para você o que são os mapas mentais? Qual a vantagem de utilizá-los como método de estudo?
5. Por que motivo você acredita que os estudantes utilizam o conteúdo que você produz para estudo?

APÊNDICE B – MODELO QUESTIONÁRIOS REALIZADOS DURANTE A PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO 1 – USO DO INSTAGRAM COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Pesquisadora: Juliana Andrade

1. Série: _____ (cont. Item 5)
2. Gênero: _____ Outros _____
3. Das redes sociais a seguir, qual (is) você utiliza com maior frequência?
- Facebook Twitter
 Youtube Instagram
 Snapchat Messenger
 Outros _____
4. Das redes sociais citadas, qual (is) você já utilizou para acessar conteúdo para estudos ou pesquisa?
- Facebook Twitter
 Youtube Instagram
 Snapchat Messenger
 Outros _____
5. Como você costuma acessar as redes sociais?
- Celular próprio Celular de outra pessoa Tablet
 Computador particular
 Laboratório de Informática
6. Você possui conta no aplicativo Instagram: Sim Não
- Caso não possua conta no Instagram pule para o item 16.
7. Com frequência você acessa o aplicativo Instagram?
- Diariamente Semanalmente
 Mensalmente
- Caso utilize diariamente, em média, você visualiza quantas vezes o aplicativo por dia?

8. Que tipo de conteúdos nos perfis do Instagram você costuma seguir e interagir nas postagens?
- Moda Política
 Memes Cinema/TV
 Educação Música
 Outros _____

APÊNDICE C – MODELO QUESTIONÁRIOS REALIZADOS DURANTE A PESQUISA (VERSO)



9. Já utilizou o Instagram para acessar perfis de studygrammers? (Perfis no Instagram que falam sobre rotinas de estudos, dicas, mapas mentais, etc.)

Sim Não

10. Segue algum perfil no Instagram com conteúdo voltado para estudos?

Sim Não

11. O que você acha mais interessante no Instagram? Por quê?

12. Você costuma fazer postagens no Instagram?

Sim Não

13. Alguma vez fez postagens mostrando pontos da cidade em que mora?

Sim Não

14. Já se informou sobre notícias da sua cidade, ou estado pelo Instagram?

Sim Não

15. Já utilizou o Instagram para desenvolver atividades para a escola?

Sim Não

Que tipo de atividades?

16. Antes dos professores da área de humanas utilizarem mapas mentais nas disciplinas. Você já conhecia ou costumava fazê-los para sintetizar conteúdo? Se sim, de onde os conhecia?

17. O que você acha dos mapas mentais? Cite um ponto positivo e um negativo.

OBRIGADAAA!